



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

LÍVIA CRISTINA DE MORAIS ALVES

**O PROCESSO DE INCLUSÃO, NA REDE REGULAR DE ENSINO DA
CIDADE DE FAINA – GOIÁS, DAS CRIANÇAS DO PRIMEIRO
SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL COM TRANSTORNO DO
DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)**

FAINA GO – 2015

LÍVIA CRISTINA DE MORAIS ALVES

**O PROCESSO DE INCLUSÃO, NA REDE REGULAR DE ENSINO DA
CIDADE DE FAINA – GOIÁS, DAS CRIANÇAS DO PRIMEIRO
SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL COM TRANSTORNO DO
DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

FAINA GO, 2015

Ficha Catalográfica

Alves, Livia Cristina de Moraes. O Processo de Inclusão, na Rede Regular de Ensino da Cidade de Faina – Goiás, das Crianças do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Faina-Go, setembro de 2015. 75páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB-UAB

**O PROCESSO DE INCLUSÃO, NA REDE REGULAR DE ENSINO DA
CIDADE DE FAINA – GOIÁS, DAS CRIANÇAS DO PRIMEIRO
SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL COM TRANSTORNO DO
DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH).**

LÍVIA CRISTINA DE MORAIS ALVES

Monografia apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia pela Faculdade
de Educação – FE da Universidade de
Brasília – UnB.

Membros da Banca Examinadora

Orientadora: Professora Dra. Andréia Mello Lacé
Faculdade de Educação (UAB/UnB)

Professor Msc. Gilberto Vieira Rios
Faculdade de Educação (UAB/UnB)

Professora Dra. Danielle Xabregas Pamplona Nogueira
Faculdade de Educação (FE/UnB)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus o responsável pelas minhas conquistas, aos meus familiares, que de forma especial e carinhosa, me deram força e coragem, em especial, meu esposo Ariston e meus filhos Stefhanny, Maria Eduarda e Nilton Alexandre. Obrigado pelo apoio, carinho e compreensão. Essa vitória não é só minha, é nossa!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida e não somente nesses anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer. A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram esse sonho. Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, em especial a professora Andréia Mello Lacé, por sua dedicação, ao professor Gilberto Vieira Rios, pela enorme paciência e carinho com que me acolheu durante estes meses, a nossa tutora presencial Paulene Almeida Rodrigues que nos deu força a continuar nosso sonho. A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Paulo Freire

Resumo

Este presente trabalho tem como objetivo central investigar o processo de inclusão das crianças do primeiro segmento do ensino fundamental com TDAH no ambiente escolar. Foi escolhido por ser um dos problemas na educação que frequentemente são alvos das reclamações de pais, gestores e professores. Para atingir este propósito procedeu-se à pesquisa qualitativa e utilizou-se pesquisa bibliográfica em livros, monografias, internet e artigos para reunir dados sobre o assunto. Aplicou-se como procedimentos metodológicos, entrevista semiestruturada e observações, com vistas a analisar como essas crianças são incluídas na rede regular de ensino na cidade de Faina- Goiás. No decorrer do estudo foi possível perceber como acontece o atendimento aos alunos TDAH e como ele está previsto no Projeto Político Pedagógico da Escola, verificar como a comunidade escolar convive com o aluno portador de TDAH. Os resultados obtidos nos permitiram concluir que: ainda existe uma distância muito grande em efetivar a verdadeira escola inclusiva, as políticas públicas não são eficientes sem a preparação dos professores, as escolas precisam incorporar a ideia da gestão democrática, toda escola precisa buscar uma qualidade diferenciada no seu trabalho criar estratégias de ensino-aprendizagem e assim poder abarcar todas as necessidades dos alunos com TDAH, de forma que eles possam ter direito a uma educação eficiente e que os preparem para a vida.

Palavras-chave: Transtorno de déficit de atenção; Hiperatividade; Dificuldades de aprendizagem; Inclusão escolar.

Abstract

This present study was aimed at investigating the process of inclusion of children of the first segment of elementary school with ADHD at school. It was chosen as one of the problems in education that are often targets of complaints from parents, administrators and teachers. To achieve this purpose proceeded to qualitative research and used literature in books, monographs, articles and internet to gather data on the subject. Applied as methodological procedures, semi-structured interviews and observations, in order to analyze how these children are included in the regular school system in the city of Faina- Goiás. During the study it was revealed as in the care of ADHD students and how it is set out in the Pedagogical Political Project of the School, to see how the school community lives with the student with ADHD. The results allowed us to conclude that there is still a very long way in effecting the real inclusive school, public policies are not effective without the preparation of teachers, schools need to incorporate the idea of democratic management, every school must seek a different quality in their work to create teaching and learning strategies and thus be able to cover all the needs of students with ADHD so that they may be entitled to effective education and to prepare them for life.

Keywords: attention deficit disorder; Hyperactivity; Learning Disabilities; School inclusion.

Sumário

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO	12
2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO	17
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	19
1.1 Aspectos Históricos do TDAH	19
1.2 O transtorno do déficit de atenção e hiperatividade	20
1.3 O que é o TDAH?	21
1.4 Tipos de TDAH	22
1.5 Diagnóstico do TDAH	25
1.6 Inclusão das crianças TDAH nas escolas	27
1.7 A educação Especial na Lei de Diretrizes e Bases (9394/96)	28
1.8 Projeto Político Pedagógico	29
1.9 Diretrizes Curriculares da Rede Pública Estadual de Ensino de Goiás 2011/2012-	30

1.9.1 A cartilha de inclusão escolar (Inclusão Baseada em Evidências Científicas 2014)	31
1.9.2 A hiperatividade e a família	36
1.9.3 A hiperatividade e os professores	37
CAPÍTULO II: METODOLOGIA	40
2.1 Métodos e procedimentos adotados para o desenvolvimento do trabalho	40
2.2 Contexto da pesquisa	41

2.3 Participantes da Pesquisa-----	42
Capítulo III. Análise e Discussão dos Dados-----	44
3.1 Análise de pesquisa de campo com observação-----	44
3.2 O Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar da Rede Municipal de Ensino (10/12/2013)-----	45
3.3 Regimento Escolar-----	48
3.4 Análise das entrevistas com os professores e gestores que atuam nas salas regulares com alunos TDAH-----	49
3.4.1 Entrevista semi estruturada com os professores-----	50
3.4.2 Entrevista com gestor-----	56
3.4.3 Entrevista semiestruturada com a SME (Secretária Municipal de Educação)-----	59
Capítulo-IV Considerações Finais-----	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	62
3º PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS-----	65
APÊNDICES	
Apêndice 1-----	67
Apêndice 2-----	69
Apêndice 3-----	71
Apêndice 4-----	73
ANEXOS	
Anexo 1-----	74
Anexo 2-----	75

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO

Pensar em Educação Infantil hoje no Brasil é projetar e realizar a construção base necessária ao caminho do desenvolvimento da nossa sociedade. É portanto, uma questão fundamental, é um desafio e como tal, é preciso acreditar e lutar. Pois é impossível imaginar uma sociedade que se desenvolva sem que tenha passado pelo caminho da construção e universalização da educação das crianças.

Hoje penso que minha tarefa como educadora e cidadã seja a de repassar o conhecimento acumulado e aprender mais com a prática das pessoas que me comunico.

1. Analisando minha Caminhada de Formação

Chamo-me Livia Cristina de Moraes Alves. Nasci na cidade de Goiânia capital do estado de Goiás, no dia 05 de junho de 1981. Sou a filha do meio. Tenho outras duas irmãs. Minha irmã mais velha se chama Débora que hoje se dedica a cuidar dos filhos e marido. A caçula se chama Karla e foi minha incentivadora a estar hoje cursando a Pedagogia. Meus pais se chamam Nilton Alves (em memória) e Sandra de Moraes Alves, meu pai foi um grande projetista e ótimo pai. Minha mãe é dona de casa.

Minha trajetória escolar começou aos três anos de idade. Lembro-me bem pouco desta fase inicial, porém me recordo de minha alfabetização que foi uma fase muito boa, pois foi quando comecei a ler. Mas, como todo começo não foi muito fácil porque tive problemas de saúde e precisei parar de estudar já no final do ano e então no ano seguinte consegui terminar minha alfabetização já com sete anos.

Os anos seguintes foram muito produtivos, pois sempre gostei muito de estudar, terminei o ensino fundamental em Goiânia cidade em que morava. Casei aos 16 anos e me mudei para Faina GO, cidade que ainda resido. Aqui concluí o ensino médio, mas não tive oportunidade de cursar a faculdade, pois vieram os filhos e este plano teve que ser adiado. Dez anos depois, com meus filhos já crescidos fiquei sabendo por meio de minha irmã (Karla que junto comigo está concluindo o

curso de Pedagogia), do vestibular e que seria a distância. Achei uma ótima oportunidade. E fiz, confesso, sem muita expectativa que passaria, pois afinal, foram 10 anos sem estudar e imagina minha surpresa quando fiquei sabendo que havia passado, fiquei muito feliz.

1.1 As incertezas iniciais

Passada a empolgação inicial, começou então a realidade e as dificuldades de estar estudando depois de tanto tempo. A princípio pensei que não conseguiria conciliar tantas obrigações. Depois, com o apoio dos meus filhos e de meu esposo, percebi que era possível. Logo depois de ter concluído o 2º semestre fui convidada a trabalhar em uma escolinha particular e daí em diante só aumentou meu amor pela profissão, que me escolheu. Hoje trabalho na Escola Municipal João Ferreira Avelar na série do 4º ano.

1.2 As definições, opções e comprometimentos

Os primeiros meses de estudo já me mostravam o que viria pela frente e resolvi encarar sem medo.

No primeiro semestre tive a oportunidade de conhecer o trabalho do professor Rogério e quão grande seus conhecimentos. Fiz diversas tarefas e aprendi muito sobre a educação à distância.

O Projeto 1 também nos ensinou como funciona a universidade aberta virtual, nos levou a visitar virtualmente o campus da UnB. Lemos o regimento Geral da Unb, navegamos pelo site da FE - Virtual e aprendemos sobre a faculdade de educação e sobre o Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia à distância.

Já no Projeto 2, neste segundo e não menos interessante semestre, vimos no início, o filme "Gênio Indomável". Um filme muito bom que nos mostrou os problemas de socialização de um jovem gênio da matemática. Também aprendi sobre a pedagogia como práxis, poesis, complexidade e multirreferencialidade.

Conheci também muitos pedagogos que desenvolveram formas novas de ensinar, entre eles Paulo Freire, Anton Makarenko, Celestin Freinet, Fernand Oury.

Meu primeiro pré-projeto teve como tema “A relação família-escola”. Esse foi também o primeiro grande drama vivenciado por mim no curso de Pedagogia: nem imaginava como se fazia um projeto. Graças a Deus deu tudo certo.

No Projeto 4 Fase1- Anos iniciais, meu estágio e o projeto de intervenção teve como tema, Contar Histórias, foi desenvolvido com muito sucesso. Fiquei muito feliz com a sua realização.

Na fase 2- Ensino Fundamental - meu projeto foi realizado em minha sala de aula e teve como tema “Preservação do Patrimônio Público”, que era na época um problema sério dentro da escola, e que obteve um ótimo resultado tanto para as crianças quanto para minha vida profissional.

2. Os eventos que me construíram professora

2.1 As significações implícitas e explícitas

Durante minha caminhada acadêmica aprendi muitas coisas. Entre elas compreendi que há duas maneiras de aprender uma técnica. Ver algo pronto e aprender a reproduzir é o modo mais comum. É a primazia do mundo taylorista, fordista, que Charles Chaplin ridicularizou em seu clássico filme “Tempos Modernos”. O operário aprende um procedimento e o repete interminavelmente, sem o poder de pensar, e é literalmente engolido pela máquina. O nível de escolaridade dificulta que as pessoas ultrapassem esse aprendizado repetitivo.

Apesar dos percalços durante este período descobri que aprender a fazer influencia aprender a conhecer. Cria-se uma capacidade criativa de articulação entre conhecimento e prática. A prática modifica o conhecimento, e este, por sua vez, gera sempre novas práticas. Isso nos mostra que o progresso do conhecimento traz inovações no agir, e as mudanças no agir exigem reformulações do conhecimento.

Enfim, segundo Sebastiani (2003, p.139):

todos os pilares- conhecer, fazer, conviver e ser- estão precedidos de um único verbo: aprender. O desafio está em entrar nessa dinâmica. Formar é precisamente ajudar as pessoas a descobrir esse processo criativo de aprender a e ir atualizando-o nos diversos pilares.

2.2 Os novos caminhos que se apontam

Tornei-me professora em 2006. Sem conhecimento algum na área da educação fui nomeada professora por ter concluído o ensino médio e naquele momento precisavam de uma professora na série do maternal na creche de minha cidade. No princípio foi assustador, pois não sabia o que fazer dentro da sala de aula. Aos poucos fui me familiarizando e aprendendo como lidar com as crianças e principalmente como transmitir a elas o conhecimento necessário para aquela fase de suas vidas. Foi uma época de grande aprendizagem e amadurecimento para mim. Durante este período em que trabalhava na creche fiz um curso de Pró-Letramento em alfabetização e em matemática o que me ajudou bastante na época. Quando tive a oportunidade de fazer o vestibular e me tornar Pedagoga, fiquei muito feliz, apesar de não ter grandes expectativas de que conseguiria passar no vestibular. Após a confirmação de que o sonho se tornava realidade vieram os medos e anseios, como já descrevi.

Em 2012, veio a oportunidade de voltar a lecionar, desta vez em uma escola particular, o que foi muito proveitoso, e me despertou grande prazer em poder novamente estar em contato com as crianças, infelizmente ao final do ano a escola em que lecionava fechou. No início de 2013 recebi o convite para voltar a dar aulas no município, mas como nem tudo são flores enfrentei grandes dificuldades, porém com o conhecimento obtido nas disciplinas do curso de Pedagogia consegui vencer várias batalhas.

Desde então estou dando aulas, com a certeza de que realmente escolhi ou fui escolhida para uma das profissões mais gratificantes que existem, pois é muito bom vermos o crescimento e o desenvolvimento das nossas crianças.

A vontade de fazer um trabalho voltado ao Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade surgiu justamente quando me veio à oportunidade de dar aulas na escolinha do município, comecei o ano de 2013 dando aulas para a turma do 2º ano, nesta sala havia um aluno que possuía laudo de TDAH, no princípio fiquei meio assustada, porém o aluno era muito especial e cativante, no entanto não sabia direito o que era o transtorno e o que podia ser feito para ajudar o aluno em suas necessidades específicas, trabalhei com essa turma somente um mês e então a vontade e a curiosidade em relação ao TDAH ficou esquecida até eu ter que decidir meu tema para o TCC.

Conclusão

Viver num mundo de incertezas

O mundo antigo caracterizava-se pela busca de certezas que eram dadas pelos dogmas, pelas verdades eternas e definitivas. Ao desabar tal universo, parecia que entrávamos num mundo de incertezas (SEBASTIANI 2003, p. 133).

Após esses anos do curso de Pedagogia posso afirmar que sou uma professora muito melhor. Minha visão hoje de sala de aula é bem diferente. Antes acreditava que os alunos sempre deviam estar sentados, quietos, esperando minhas determinações. Achava que todas as atividades dentro da sala dependiam da minha ordem. Hoje é possível perceber como essa visão é antiga e comprovadamente sem sucesso, afinal trabalhamos com seres humanos pensantes e ativos. Minhas concepções caíram por terra e, a partir daí, se afloraram novas ideias, novas formas de enxergar meus alunos. Nessa perspectiva aprendi que é fundamental ao professor ouvir seus alunos, para poder planejar as atividades que irá oferecer. Isso significa conhecer muito bem o desenvolvimento das crianças. As diferentes formas pelas quais elas aprendem e ter a sensibilidade e a criatividade para desenvolver seu plano de trabalho.

O professor deve ser aquela pessoa que tem olhos por todos os lados, tem que estar atento a tudo e interferir em determinados momentos, não sempre. Às vezes é importante deixá-los resolver seus próprios problemas ou suas dúvidas entre eles. Isso porque hoje sei que é importante o professor estar sempre pensando em como desenvolver a autonomia dos seus alunos.

Mesmo assim, ainda possuo várias incertezas em relação a profissão que escolhi. Mas também, sei que dificuldades e desafios sempre surgirão e que dependerá do meu empenho em solucioná-los ou não. Sei que erros e acertos acontecerão no nosso dia-a-dia. Afinal, estar à frente de formar seres humanos nunca foi e tampouco será uma tarefa de baixa complexidade.

2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO

INTRODUÇÃO

Atuando na área escolar nos deparamos com inúmeras situações que despertam a curiosidade em relação ao tema Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Aquino (2008) afirma que, na prática, encontramos diversos transtornos e dificuldades de aprendizagem. Porém, o TDAH tornou-se mais comum em nosso cotidiano, nos fazendo criar estratégias para o trabalho com essas crianças.

É possível verificar que alguns profissionais da educação acabam rotulando esses alunos com adjetivos pejorativos, fazendo com que essas crianças tenham suas potencialidades desacreditadas. Nesse sentido, é necessário buscarmos aprofundamento quanto ao tema e tentarmos entender o mundo da criança com TDAH e o quanto o professor pode colaborar com esse aluno.

Considerando que o rendimento escolar do aluno com TDAH é uma das prioridades da escola, devem ser buscadas formas para melhor atendê-lo. Nesse sentido, a pesquisadora da área Marcela Torres afirma:

Para que o aluno não seja prejudicado no seu rendimento escolar e para que ele tenha um convívio harmonioso com todos os que o cercam é necessário que os pais, professores direção da escola e os profissionais da saúde estabeleçam uma estrutura de relacionamento organizado (TORRES, 2011).

Nesse caminho, o objetivo geral desta pesquisa é investigar o processo de inclusão no ambiente escolar das crianças do primeiro segmento do ensino fundamental portadoras de TDAH. Para alcançar o objetivo geral estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

- Perceber se e como o atendimento aos alunos TDAH está previsto no Projeto Político Pedagógico da Escola.
- Identificar como e se é feito esse atendimento na Escola investigada.
- Verificar como a comunidade escolar convive com o aluno portador de TDAH.

Em nosso entendimento essas são questões muito importantes e, portanto, é necessário que os professores busquem aprofundar seus conhecimentos.

O percurso da investigação está sistematizado em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado: “Referencial Teórico” apresenta autores e pesquisadores que explicam o que é o TDAH, como ele deve ser diagnosticado, as dificuldades encontradas por pais e professores diante dos problemas de comportamento e aprendizagem dessas crianças, as leis que amparam as crianças com a necessidade de atendimento especializado e algumas idéias de como trabalhar com as crianças que apresentam transtornos globais de desenvolvimento.

No segundo capítulo a Metodologia, fizemos entrevistas semiestruturadas e observações. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal João de Barro¹ que fica na cidade de Faina - GO, com os professores e gestores da unidade escolar, a fim de compreender como acontece o processo de inclusão das crianças com TDAH no âmbito escolar, como ocorre a ajuda e assistência ao professor, a família e a criança portadora de TDAH. Além de um estudo aprofundado do PPP da unidade escolar visando conhecer quais as bases em que se apóiam o processo de inclusão da escola em relação à Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Na terceira parte, chamada de análise de dados aconteceu a sistematização dos dados coletados, onde através das informações obtidas sobre o fenômeno investigado, obtivemos as análises pretendidas, e construímos um conhecimento sólido sobre o tema.

¹ Nome Fictício para preservar a identidade da escola.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Aspectos Históricos do TDAH

TDAH não é uma doença nova. A primeira descrição médica do TDAH foi feita em 1902, pelo médico inglês George Still², que o definiu como “um defeito no controle moral”. Segundo Caliman(2010), Still defendeu a hipótese de que essa condição teria como base um substrato biológico, que poderia ser hereditário e/ ou relacionado à encefalopatia adquirida e não como consequência de uma má-educação ou depravação, como até então se acreditava.

Segundo Pinto (2007, p.9),

Na década de 80, a Associação Psiquiátrica Americana propôs uma nova denominação: Síndrome do Déficit de Atenção. Esta denominação passou a englobar tanto a hiperatividade como as demais funções que originam da falta de maturação do sistema nervoso central, tais como: a falta de coordenação motora, falta de equilíbrio, distúrbios de fala, alteração de sensibilidade, distúrbios de comportamento e dificuldades escolares. Em 1987, com a organização do DSM-IV³, voltou-se a dar maior importância a hiperatividade, modificando o nome da patologia para Distúrbio de Hiperatividade com Déficit de Atenção.

Barkley⁴ (1982) apud Muszkat, Miranda e Rizzutti(2012, p.25), propôs uma definição mais operacional do agora denominado TDAH, que inclui, além das queixas usuais dos pais e professores, a adaptação aos padrões adequados para a idade mental da criança. Também definiu-se a idade de início antes dos 7 anos de vida e a duração dos sintomas de pelo menos 12 meses.

²George Still é o marco obrigatório. Considerado por seus comentadores o primeiro pediatra inglês, Still foi também o primeiro professor de doenças infantis do *King's College Hospital* e autor de vários livros sobre o comportamento infantil normal e patológico.

³ DSM-IV - Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Norte-Americana de Psiquiatria, IV, 2003. p.114- Revisão.

⁴ Professor de Psiquiatria Clínica da Medical University of New Carolina e Professor Pesquisador da State University of New York Upstate Medical University em Syracuse. Recebeu prêmios da American Academy of Pediatrics e da American Psychological Association. Tem os seguintes títulos traduzidos pela Artmed: Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: manual para diagnóstico e tratamento; Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: exercícios clínicos; Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): guia completo para pais, professores e profissionais da saúde.

Muszkat (2012), afirma que o TDAH foi considerado a partir da definição de Barkley, um déficit motivacional sustentado por pesquisas que mostravam a variabilidade situacional da atenção, como também pela concordância com estudos neuroanatômicos que sugeriam menor ativação dos centros de recompensa cerebrais. A partir daí qualquer tentativa de construir teorias deveria incorporar os processos cerebrais para lidar com a motivação e o reforço.

O grande problema em criar rótulos para designar alterações comportamentais é que eles acabam sendo um reflexo do nível de conhecimento sobre aquele assunto em um dado momento e, por isso mesmo, quase nunca refletem a verdade que de fato ocorre nestas alterações. Exemplos claros dessa postura são as denominações dadas ao déficit de atenção, como Disfunção Cerebral Mínima, Síndrome da Criança Hiperativa, Síndrome da Ausência de Controle Moral ou ainda Reação Hipercinética da Infância, todas em diferentes períodos do século XX (Silva, 2003 p. 11).

Portanto, muitas denominações foram dadas para definir estas crianças e essas constantes trocas de nomes mostravam as incertezas dos pesquisadores acerca das causas para este transtorno.

Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Norte-Americana de Psiquiatria (DSM IV) hoje é utilizado o termo transtorno em vez de distúrbio, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

1.20 transtorno do déficit de atenção e hiperatividade

De acordo com Muszkat (2012), a nomenclatura hiperatividade apareceu oficialmente, a partir da segunda edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM II, American Psychiatric Association, 1968), esse manual conceituava que o transtorno de hiperatividade era caracterizado por inquietação, distração e uma pobre capacidade intencional, em especial nas crianças pequenas. Acreditavam também que o comportamento agitado e os déficits na aprendizagem desapareciam na adolescência.

As crianças TDAH geralmente são desatentas, porém há exceções. Segundo Silva (2003, p. 22):

“Em muitos casos, não há falta de atenção, mas uma atenção focada ou inconsistente ou até mesmo hiperfocada, fazendo o portador do TDAH se desligar do mundo ou ficar sonhando acordado”.

A impulsividade significa dificuldade com o autocontrole geralmente estas pessoas têm forte reatividade às situações, possuem uma sensibilidade aflorada ao momento presente, que produz um impulso para a ação bastante intenso. A pessoa impulsiva age primeiro e pensa depois, o que as leva na maioria das vezes a se arrepender dos seus excessos.

A característica fundamental do déficit de atenção é a falta de constância em atividades que exigem atenção como correr, escalar, falar em excesso e em situações inapropriadas, balançar mãos e pés continuamente. Essas são características da hiperatividade. Já as características da impulsividade são as respostas dadas antes que a pergunta seja completada e a dificuldade de esperar a vez, interrompendo a atividade do outro.

O que evidencia a desatenção é a dificuldade de se ligar em detalhes, errar por descuido em atividades escolares, não manter a atenção em jogos e brincadeiras.

O conjunto hiperatividade, desatenção e impulsividade são seus aspectos essenciais.

1.3 O que é o TDAH?

A Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA) classifica o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) como um transtorno neurobiológico que aparece na infância e que na maioria dos casos acompanha o indivíduo por toda a vida. O TDAH se caracteriza pela combinação de sintomas de desatenção, hiperatividade (inquietação motora) e impulsividade sendo a apresentação predominantemente desatenta conhecida por muitos como DDA⁵ (Distúrbio do Déficit de Atenção).

⁵Há mais de cem anos a literatura médica vem comentando um distúrbio, conhecido atualmente como "DDA" ou "Distúrbio do Déficit de Atenção", do inglês "ADD (Attention Deficit Disorder)".

De acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção a prevalência do TDAH gira em torno de 3 a 5% da população infantil do Brasil e de vários países do mundo onde o transtorno já foi pesquisado. Nos adultos estima-se prevalência em aproximadamente 4%. Segundo o DSM-IV, levantamentos populacionais sugerem que o TDAH ocorre na maioria das culturas em cerca de 5% das crianças e 2,5% dos adultos e é mais frequente no sexo masculino do que no feminino na população geral.

De acordo com Muszkat, Miranda e Rizzutti(2012, p. 36), o TDAH relaciona-se a alterações biológicas e neuroquímicas, mas que o diagnóstico depende de fatores contextuais que envolvem uma visão de conjunto. O estudo da etiologia do TDAH vem sendo objeto de muitas pesquisas, mas apesar do grande número de estudos já realizados, as causas precisas do TDAH ainda não foram totalmente estabelecidas. Entretanto, a influência de fatores genéticos e ambientais no seu desenvolvimento é amplamente aceita. O risco para o TDAH parece ser de duas a oito vezes maiores nos pais das crianças afetadas de que na população em geral.

Portanto, além da influência de fatores genéticos, os fatores ambientais também são altamente aceitos na literatura sobre o desenvolvimento do TDAH.

1.4 – Tipos de TDAH

De acordo com DuPaul e Stoner (2007), existem três subtipos de TDAH: tipo predominantemente desatento, tipo predominantemente hiperativo impulsivo e tipo combinado.

Nessa mesma linha, o DSM-IV classifica o TDAH em: TDAH Tipo Desatento, TDAH Tipo Hiperativo-Impulsivo e TDAH Tipo Misto, os critérios diagnósticos também apresentam a partir de uma tabela esse três subtipos ou fenótipos comportamentais distintos que são divididos em:

F90.0 - 314.01 Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, Tipo Combinado. Este subtipo deve ser usado se seis (ou mais) sintomas de desatenção e seis (ou mais) sintomas de hiperatividade-impulsividade persistem há pelo menos 6 meses. A maioria das crianças e adolescentes com o transtorno tem o Tipo Combinado. Não se sabe se o mesmo vale para adultos com o transtorno [...]

F98.8 - 314.00 Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, Tipo Predominantemente Atenção/Hiperatividade, Tipo Predominantemente Desatento. Este subtipo deve ser usado se seis (ou mais) sintomas de desatenção (mas menos de seis sintomas de hiperatividade-impulsividade) persistem há pelo menos 6 meses. [...]

F90.0 - 314.01 Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, Tipo Predominantemente Hiperativo-Impulsivo. Este subtipo deve ser usado se seis (ou mais) sintomas de hiperatividade-impulsividade (mas menos de seis sintomas de desatenção) persistem há pelo menos 6 meses. A desatenção pode, com frequência, ser um aspecto clínico significativo nesses casos. [...](DSM-IV, s.p).

O Transtorno de Déficit de Atenção pode ocorrer com ou sem a hiperatividade, embora a maioria dos indivíduos apresente sintomas tanto de desatenção quanto de hiperatividade-impulsividade, existem alguns indivíduos nos quais há predominância de um ou outro padrão. O subtipo apropriado (para um diagnóstico atual) deve ser indicado com base no padrão predominante de sintomas nos últimos seis meses.

Segundo Barkley (1998) citado por DuPaul e Stoner(2007, p.9), as crianças com TDAH com predomínio de desatenção são mais propensas a ter problemas com a atenção concentrada.

O DSM-IV apresenta característica diagnóstica do tipo desatento:

A desatenção pode manifestar-se em situações escolares, profissionais ou sociais. Os indivíduos com este transtorno podem não prestar muita atenção a detalhes ou podem cometer erros por falta de cuidados nos trabalhos escolares ou outras tarefas (Critério A1a). [...] Eles frequentemente dão a impressão de estarem com a mente em outro local, ou de não escutarem o que recém foi dito (Critério A1c).

Portanto, a criança TDAH com predominância do tipo desatento possui dificuldade em prestar atenção e manter a concentração por longos períodos de tempo a assuntos que não lhes são interessantes. Os estímulos externos acabam lhes distraindo, geralmente, possuem dificuldades na organização das tarefas diárias.

O TDAH com predomínio de sintomas de hiperatividade/impulsividade é caracterizado:(...) por frequentemente parecer estar "a todo vapor" ou "cheio de gás" (Critério A2e, DSM IV).

O DSM IV assinala que o tipo hiperativo/ impulsivo tem dificuldades em manter-se sossegado, quieto no mesmo local quando não lhes interessa o que está sendo discutido. Essas crianças manifestam inquietação diante de algumas situações. Outro aspecto é a dificuldade em parar para pensar, não analisam as consequências das ações que cometem, geralmente falam em excesso, deixam escapar a resposta antes de terminar de ouvir a pergunta, muitas vezes levantam e sai do lugar onde se espera que fique sentado.As crianças com TDAH com predomínio de sintomas de hiperatividade/impulsividade, costumam ser mais agressivas e impulsivas do que as crianças com os outros dois tipos e tendem a apresentar altas taxas de rejeição pelos colegas, justamente por se comportarem de forma inapropriada diante das situações.

O TDAH combinado é o mais comum dos três tipos de hiperatividade. A pessoa é desatenta, hiperativa e impulsiva.Este tipo tem maior presença de sintomas de conduta conhecido como TC (transtorno de conduta), ou TOD (transtorno de oposição desafiante) que é o comportamento de oposição e desafio, além de maior propensão as co-morbidade ⁶, e elevada taxa de prejuízo acadêmico.Entre as co-morbidades que este tipo desenvolve estão os predominantemente ansiosos, depressivos ou com traços obsessivo-compulsivos, que acabam por necessitar de tratamentos diferenciados.

1.5-Diagnóstico do TDAH

Diagnosticar o TDAH é um processo amplo.É importante considerar as causas para o problema. O aspecto mais importante do processo de diagnóstico é um cuidadoso histórico clínico feito por um profissional médico especializado (Psiquiatra, Neurologista ou Neuropediatra).

⁶ co-morbidades são outra ou outras patologias que incidem sobre o mesmo paciente, simultaneamente. Pode ser desenvolvida a partir do transtorno básico, o T.D.A.H., ou desenvolvida paralelamente a este, podendo o paciente ter uma, duas ou mais co-morbidades, com graus variados de intensidade.

Esse transtorno tem como característica essencial:

“(...) um padrão persistente de desatenção e ou hiperatividade/impulsividade, mais frequente e grave do que aquele tipicamente observado nos indivíduos em nível equivalente de desenvolvimento. (MANUAL DE TRANSTORNOS MENTAIS, 1994s.p).”

Muszkat, Miranda e Rizzutti (2012) assinalam que a avaliação diagnóstica do TDAH deve ser feita a partir do desempenho da criança em testes neuropsicológicos e medidas fisiológicas de atenção, do controle inibitório, da organização, do planejamento de tarefas, além de uma Anamnese⁷ (entrevista) adequada, onde o profissional médico faz o levantamento dos diferentes estressores psicossociais que a criança enfrenta ou enfrentou.

Portanto, a avaliação do TDAH inclui também um levantamento do funcionamento intelectual, acadêmico, social e emocional da criança.

Esse processo envolve ainda dados recolhidos com professores e outros adultos que de alguma maneira, relacionam-se de maneira rotineira com a criança que está sendo avaliada.

Mas, para que esses dados sejam recolhidos com sucesso entre os profissionais da educação, é necessário que esses obtenham conhecimento sobre o que é o TDAH e quais suas implicações na aprendizagem das crianças.

Sem dúvida, o diagnóstico de TDAH será sempre responsabilidade do clínico e jamais dos professores. Mas, os professores trazem consigo um importante conhecimento sobre comportamentos em sala de aula, o que ocorre com maior ou menor frequência em faixas etárias específicas, o que torna possível identificar aqueles alunos com comportamentos discrepantes dos demais.

Gonçalves (2011) citado por Kurdt (2013) postula que o professor deve ser capaz de orientar os pais, indicando o caminho até o psicopedagogo tornando-se o elo entre a família e os especialistas envolvidos no tratamento.

⁷ **Anamnese** (do grego *ana*, trazer de novo e *mnesis*, memória) é uma entrevista realizada pelo profissional de saúde ao seu paciente, que tem a intenção de ser um ponto inicial no diagnóstico de uma doença ou patologia. Em outras palavras, é uma entrevista que busca lembrar todos os fatos que se relacionam com a doença e à pessoa doente. A anamnese é também referenciada como Anamnese Corporal, Ficha de Anamnese ou Anamnese Corporal Completa.

Dessa forma o autor defende que o papel do professor é apenas o de orientar os pais para procurarem ajuda médica e não o de diagnosticar.

A confirmação do diagnóstico, então, somente é feita após o profissional médico especializado estar alicerçado pela entrevista, os testes neuropsicológicos e os exames clínicos que foram cuidadosamente feitos.

É importante conhecer as diferenças distintas entre um portador de TDAH e um mal-educado. O portador de TDAH fica agitado diante de situações novas, isto é, não consegue controlar seus sintomas. Já o mal-educado, geralmente, primeiro avalia bem o terreno e manipula situações buscando obter vantagens sobre os outros. Essa falta de conhecimento por parte das pessoas que convivem com a criança TDAH, que apresentam sintomas de inquietação, impulsividade e agitação, acabam por rotular a criança de mal-educada.

Segundo, Tiba(2002), diagnósticos apressados e equivocados têm feito pessoas mal-educadas ficarem à vontade para serem mal educadas sob o pretexto de que estão dominadas pelo TDAH. O fato de serem consideradas doentes facilita a aceitação de seu comportamento impróprio.

No entanto, é necessário que pais e professores antes de rotularem as crianças busquem orientações corretas e desencadeiem ações compartilhadas.

1.6 Inclusão das crianças TDAH nas escolas

O TDAH afeta intensamente a vida escolar. Todos os sintomas que se iniciam nos primeiros anos da infância vêm à tona quando estas crianças chegam à escola.

Os pais de crianças TDAH geralmente só percebem que há algo diferente com seus filhos, quando estes começam a estudar, pois costumam apresentar comportamento diferente das outras crianças, quando chegam à escola seu comportamento começa a gerar conflitos, são apontadas pela equipe da escola e os pais verificam que seus filhos apresentam problemas de comportamento e que necessitam de atenção

Segundo, DuPaul e Stoner (2007), as características principais, isto é, desatenção, impulsividade e hiperatividade do TDAH podem levar a diversas dificuldades para crianças em contextos escolares. Especificamente, uma vez que essas crianças muitas vezes têm problemas para manter a concentração, a finalização de trabalhos independentes, que devem ser executados na carteira, é um tanto inconstante. Crianças com TDAH com frequência perturbam as atividades em sala de aula e, portanto, atrapalham a aprendizagem dos colegas.

São crianças que costumam receber designações pejorativas como: 'bicho-carpinteiro', 'elétricas', 'desengonçadas', 'pestinhas', 'diabinhos', 'desajeitadas', entre outros (SILVA 2003, p. 26).

Portanto, essas crianças acabam sendo rotuladas e vistas como pessoas indesejáveis, devido sua baixa tolerância a controlar seus impulsos, além de normalmente terem problemas também em relações interpessoais com colegas e professores.

Percebe-se então que é no ambiente escolar que os sintomas do TDAH se manifestam de maneira mais evidente, causando impactos significativos na vida das crianças, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental. A contribuição do professor deve ser significativa tanto na identificação dos sintomas do TDAH para um diagnóstico precoce como no manejo das dificuldades apresentadas pela criança na sala de aula.

1.7 A educação Especial na Lei de Diretrizes e Bases (9394/96)

Os alunos portadores de TDAH, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB, devem receber um atendimento especializado. Em seu Artigo 58 afirma que "entende-se por educação especial a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais".

A lei ainda garante em seus incisos que haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial. O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições

específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular.

Já em seu Artigo 59, a LDB determina que os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

Nesses artigos da LDB, percebe-se a busca pela garantia e flexibilidade no currículo, métodos, técnicas, recursos educativos e na organização de apoio e atendimento, de acordo com as necessidades do aluno com necessidades especiais. Para alunos com TDAH esses fatores são fundamentais, pois visam assegurar um bom atendimento dentro das instituições de ensino. Sendo assim, os direitos da criança TDAH são inegáveis.

1.8 Projeto Político Pedagógico.

O Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) consiste na autonomia construída coletivamente na escola, e se realiza em todos os momentos da vida escolar. Os projetos Político pedagógicos ganham significação nas articulações feitas através de uma sociedade que se deseja e pela qual se luta.

Na verdade, nenhuma sociedade se organiza a partir da existência prévia de um sistema educativo, o que implicaria na tarefa de compreender um certo perfil ou tipo de ser humano que, na sequência, poria a sociedade em marcha. Pelo contrário, o sistema educativo se faz e se refaz no seio mesmo da experiência. (FREIRE, 1988, p. 47 apud FERREIRA, 2006, p. 51).

O princípio que deve nortear um projeto pedagógico é sempre sua intencionalidade. Todo projeto implica a explicitação de uma determinada intenção de ação, da definição a respeito dos fins que se quer chegar. Ele cria definições e

significados na medida em que nos questionamos sobre o que queremos com a escola e quais rumos devemos seguir, dentro dos limites e possibilidades.

Portanto, ele é fruto de reflexão e investigação, pois ele visa preparar e capacitar cidadãos para uma nova sociedade trata-se de recriar seres humanos novos, críticos, criativos, capazes de preparar as condições que tornarão possíveis novas estruturas sociais.

Por isso, [...]

O projeto pedagógico exige profunda reflexão sobre as finalidades da escola, assim como a explicitação do seu papel social e a clara definição dos caminhos, formas operacionais e ações a serem empreendidas por todos os envolvidos com o processo educativo. Seu processo de construção aglutinará crenças, convicções, conhecimentos da comunidade escolar, do contexto social e científico, constituindo-se em compromisso político e pedagógico coletivo. (VEIGA, 1998, p. 9 apud FERREIRA, 2006, P. 51).

Enfim, interessa-se então um projeto pedagógico que não busque somente recriar formas pedagógicas, mas que crie novas metas sociais que venham contribuir para o estabelecimento de uma sociedade mais justa e humana.

1.9 Diretrizes Curriculares da Rede Pública Estadual de Ensino de Goiás 2011/2012

As diretrizes curriculares da rede pública Estadual de Ensino de Goiás recomendam em sua metodologia um processo de consolidação e gestão articulada entre a Secretaria de Educação do Estado de Goiás (Seduc) e as Redes Municipais de Ensino dos 246 (duzentos e quarenta e seis) municípios do Estado de Goiás, visando assim construir uma cultura de planejamento, acompanhamento, monitoramento e avaliação educacional e do programa permanente de formação inicial e continuada dos profissionais da educação que atuam na Seduc e nas secretarias municipais de educação.

Nessa linha, aquela Seduc em suas Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Ensino, a respeito do Atendimento Educacional Especializado (AEE) em Goiás, dispõe:

Desenvolvimento cognitivo – Destinada a estudantes com déficit intelectual, embora também possa ser aplicada aos casos de

deficiência auditiva, TDAH e em alguns casos de dificuldade de aprendizagem. Visa ao atendimento relacionado ao desenvolvimento das seguintes funções: atenção, abstração, generalização, percepção, linguagem, criatividade, memória, raciocínio lógico e outras. (...) O Projeto FIT ⁸ é uma proposta voltada principalmente para os estudantes com Deficiência e Transtorno Global do Desenvolvimento que estiverem matriculados na rede regular de ensino. O projeto também é destinado àqueles estudantes que tiverem recebido Terminalidade Específica, uma vez que, à despeito do trabalho pedagógico desenvolvido, não têm apresentado avanços com relação a funcionalidade acadêmica.”(DIRETRIZES OPERACIONAIS da REDE PÚBLICA ESTADUAL de ENSINO de GOIÁS 2011/2012 Goiânia p. 87)

Enfim, o documento torna explícita a necessidade de atendimento especializado às crianças que apresentam transtornos globais de desenvolvimento. Acena, pois, com um tratamento científico ao tema.

1.9.1A cartilha de inclusão escolar(Inclusão Baseada em Evidências Científicas2014)⁹

A Cartilha da Inclusão Escolar: inclusão baseada em evidências científicas foi criada em conjunto com a Comunidade **APRENDER CRIANÇA** através de um congresso que teve como objetivo integrar Educadores e Neurocientistas (pesquisadores do cérebro) na busca de soluções que aprimorem o ensino e o

⁸Projeto FIT (Formação Inicial de Trabalhadores)

⁹O projeto da “Cartilha da Inclusão Escolar: inclusão baseada em evidências científicas” foi idealizado a partir desse novo paradigma educacional e com os seguintes objetivos: 1. Disponibilizar recomendações de inclusão escolar baseadas em evidências científicas, contemplando toda a diversidade de escolas e salas de aulas Brasileiras.

2. Propor recomendações gerais e específicas para crianças com deficiências (intelectual, auditiva, visuale motora), transtornos mentais (Transtorno do Espectro Autista e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade), transtornos específicos de aprendizagem (Dislexia, Disgrafia e Discalculia), talentosos e superdotados.

3. Disponibilizar os princípios e práticas que regem a “arte cientificamente fundamentada de ensinar” com base nos conhecimentos mais atuais da Neurociência da Educação que contempla o atendimento da diversidade infantil.

4. Apresentar um projeto de escola inclusiva como via alternativa de implantação desse novo paradigma de inclusão escolar, com objetivos claros, logística realista e indicadores práticos de auditoria e monitoramento.

5. Disponibilizar bibliografia científica e outras fontes de informação e pesquisa que permitam ao leitor se aprofundar na temática. Marco Antônio Arruda & Mauro de Almeida são os coordenadores do projeto.

aprendizado em todos os níveis. Com um caráter mais científico, foi elaborada pelo Instituto Glia¹⁰.

No congresso, ao final de cada sessão, professores de Pedagogia auxiliados por professores de salas regulares e recursos multifuncionais, debatiam com a audiência a viabilidade das proposições, tendo em vista a realidade diversa das escolas e dos professores Brasileiros, além de aspectos pedagógicos mais específicos.

Terminado o congresso, uma equipe do Instituto Glia organizou as proposições apresentadas e as disponibilizou para votação pelo site no período de 21 de fevereiro a 01 de abril de 2013. Primeiramente a votação foi aberta para os participantes do congresso e posteriormente para toda a Comunidade Aprender Criança.

Todas as 80 proposições foram aprovadas com índice variando de 78,7 a 100%. A distribuição dos votantes por área profissional foi a seguinte: 32,3%

¹⁰O Instituto Glia Consultoria em Neurociências foi criado em 2006 na cidade de Ribeirão Preto e apresenta várias áreas de atuação. Na área clínica conta com profissionais que atendem crianças, adolescentes e adultos com os mais variados problemas neuropsiquiátricos, com foco de atuação em desenvolvimento infantil, cognição e cefaléias. Seu fundador e diretor, o **Dr. Marco Antônio Arruda**, neurologista infantil, especialista em cefaléia, mestre e doutor em Neurologia pela Universidade de São Paulo e membro titular da Academia Brasileira de Neurologia, atua clinicamente desde 1990 na cidade de Ribeirão Preto (SP). Atualmente a equipe do Instituto Glia se dedica ao Projeto “Escola da Diversidade: decifrando os códigos da Educação em São Sebastião do Paraíso”. Trata-se de um estudo observacional e de intervenção com 3.496 crianças do Ensino Fundamental I da rede pública de Ensino da cidade de São Sebastião do Paraíso (MG). Em 2006, o Dr. Arruda introduziu no Brasil as Neurociências da Educação ao criar a Comunidade Aprender Criança. Trata-se de uma comunidade acadêmica, virtual e gratuita cujo objetivo é desenvolver em nosso país a interface entre as Neurociências e a Educação. O objetivo foi atingido, a Comunidade conta hoje com perto de cinco mil cidadãos de todo o Brasil sendo 81% deles Educadores. Desde sua criação em 2006 foram quatro edições do Congresso Aprender Criança com mais de 120 horas de aulas e audiência total superior a 4 mil pessoas (você encontra mais detalhes nesse site). O veículo de comunicação da Comunidade Aprender Criança é o boletim Notícias do Cérebro, que você também encontra nesse site, com artigos, vídeos e muita informação. Entre os trabalhos que mais orgulham o Instituto Glia e a Comunidade Aprender Criança estão as cartilhas do Educador e da Inclusão Escolar. A “Cartilha do Educador: Educando com a ajuda das Neurociências” é um estudo inédito com base nos achados do Projeto Atenção Brasil e que retrata a infância e adolescência brasileira quanto aos seus fatores de risco e proteção para Saúde Mental e desempenho escolar. Nesse documento de domínio público e que você baixa aqui gratuitamente, o Educador encontra recomendações de como educar nos dias de hoje.

professores, 22,6% psicopedagogos, 19,5% psicólogos, 11,3% fisioterapeutas/terapeutas ocupacionais, 7,5% médicos e 6,8% fonoaudiólogos.

Terminada essa etapa, as proposições foram submetidas à análise jurídica com o intuito de verificarsua consonância com as leis vigentes em nosso país. Com algumas poucas ressalvas em relação à redaçãode duas proposições, devidamente aceitas e reescritas, o parecer concluiu:

Destarte, pode-se concluir que a presente cartilha constitui instrumento de suma importância para a efetivação dos direitos das pessoas com deficiência, estando assim em total consonância com os mesmos e, logo, com a legislação pátria, fornecendo assim a operacionalização da inclusão por meio da devida orientação que se faz necessária aos profissionais de tal área (CARTILHA da INCLUSÃO ESCOLAR, 2014, p. 11).

Portanto, a cartilha da inclusão foi criada por profissionais de diversos segmentos dentro da área da saúde e educação, com o objetivo de implantar no maior número de escolas possível a educação inclusiva de forma que esta seja realmente satisfatória tanto para as crianças e os pais como para a escola.

Ela apresenta de forma básica e simples métodos que podem ser utilizados por professores e pais.

Segundo essa Cartilha da Inclusão Escolar (2014, p. 11.): Um dos objetivos principais do Congresso Aprender Criança de 2012, cujo lema era “Entendendo a diversidade para incluir de verdade”, foi o desenvolvimento da cartilha da inclusão. Ao longo de três dias, 35 palestras e 23 horas e meia de trabalho, foram apresentadas proposições de inclusão escolar baseadas em evidências científicas por renomados especialistas Brasileiros nas seguintes áreas: a) Deficiência intelectual; b) Deficiência motora; c) Deficiência auditiva; d) Deficiência visual; e) Dislexia; f) Discalculia; g) Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade; h) Transtorno do Espectro Autista; e, i) Talentosos e Superdotados.

Essa “cartilha da inclusão” oferece ainda, alguns métodos que podem auxiliar o professor a efetivar a aprendizagem das crianças com TDAH:

Acomodações na sala de aula:

- O aluno deve ser colocado para sentar próximo à área onde o professor permanece o maior tempo e distante de outros locais que possam provocar distração (janela, porta, etc.) ou de colegas inquietos e desatentos.

- O aluno deve ser colocado para sentar perto de alunos que possam colaborar.
- Na medida do possível, o professor deve se posicionar próximo ao aluno enquanto apresenta a matéria.
- Na medida do possível, o professor deve dar assistência individual a este aluno, checando seu entendimento a cada passo da explicação e usando seu caderno para dar exemplos.
- Um quadro bem visível com as rotinas e comportamentos desejáveis em sala de aula deve ser afixado próximo a esse aluno.
- Somente o material necessário deverá ficar em cima da carteira. No caso de crianças pequenas vale a pena guardar seu material e fornecer somente o necessário (CARTILHA da INCLUSÃO ESCOLAR 2014, p.23).

A cartilha instrui também, na recomendação número 66, que seja instituído algum colega como aluno colaborador. Ela explica que este colaborador pode ser de grande ajuda na inclusão de alunos com TDAH. Porém sua atuação deve ser elaborada pelo professor tendo em vista as necessidades do aluno a ser incluído, suas habilidades, dificuldades e grau de autonomia.

Na recomendação de número 67 a cartilha apresenta quais métodos os professores podem utilizar para passar informações aos alunos;

- O professor deve tornar o processo de aprendizado o mais concreto e visual possível, as instruções devem ser curtas e objetivas.
- O aluno deverá receber instrução de forma segmentada, seriada (evitando-se longas apresentações) e multissensorial, contemplando diferentes estilos de aprendizagem (visual, auditiva e cinestésica).
- Se o aluno tem dificuldades para fixar através do aprendizado visual, utilizar recursos verbais, por exemplo, incentivá-lo a gravar as aulas para recordá-las em casa.
- Quando possível utilizar cores vivas nos diferentes recursos visuais.
- Se assegurar de que o aluno escutou e entendeu as explicações e instruções.
- Manter na lousa apenas as informações necessárias para o tema.
- Antes de iniciar uma nova matéria utilizar alguns minutos para recordar a matéria anterior. “Desta forma criam-se elos entre os assuntos favorecendo a atenção e fixação das informações na memória (CARTILHA da INCLUSÃO ESCOLAR, 2014, p.23).

Já na recomendação 68 a cartilha da inclusão apresenta como as tarefas e atividades tanto da sala de aula quanto de casa devem ser:

- Os grupos de trabalho são bem vindos, mas evitar que tenham número maior do que três alunos.
- Designar responsabilidades e tornar o aluno com TDAH um ajudante de sala de aula. Essa providência pode ser muito útil para atenção, autoestima e inibição comportamental.

- O aluno com TDAH deve receber as informações e executar suas tarefas em grau de dificuldade adequado para suas necessidades sucesso alcançável. (CARTILHA da INCLUSÃO ESCOLAR, 2014 p.24).

Na recomendação 69 ela suscita como as avaliações do aluno com TDAH devem ocorrer: o professor deve sempre perceber o progresso individual e ter como base um Plano Educacional Individualizado valorizando assim os aspectos qualitativos ao invés dos quantitativos.

Para o melhor desenvolvimento da capacidade de organização do aluno com TDAH, o princípio 70 deve ser seguido:

- O aluno deve poder levar para casa o material didático utilizado na escola.
- Agenda ou fichário pode ser um bom instrumento para ajudar o aluno a se organizar. O professor deve pedir a ele para anotar os deveres e recados, bem como certificar-se de que ele o fez.
- O professor deve manter os pais informados na frequência necessária para o aluno em questão (diária, semanal ou mensal).
- Em casa, os pais devem auxiliar o professor no desenvolvimento das habilidades de organização da criança.
- Através do consentimento dos pais do aluno colaborador, os pais do aluno com TDAH poderão com ele se comunicar para checar as tarefas e trabalhos de casa (CARTILHA da INCLUSÃO ESCOLAR, 2014 p. 24).

Por sua vez, o princípio 71 da cartilha nos mostra como se deve trabalhar o comportamento das crianças com Transtorno do Déficit de atenção:

- O aluno deve ser frequentemente informado sobre seu comportamento para desenvolver sua capacidade de automonitoramento.
- O aluno deve fazer um “contrato” com os professores e os pais se comprometendo em reduzir os comportamentos inapropriados e de aumentar os apropriados. Correspondendo as regras do “contrato” receberá recompensas imediatas pelos comportamentos adequados e sucessos alcançáveis.
- O professor pode usar sinais não verbais para o aluno manter a atenção na lição (como colocar a mão na sua carteira) evitando chamar a atenção de outros alunos.
- O professor deve ajudar a criança nos momentos mais críticos como no trânsito de uma sala de aula para outra, na hora do recreio e das refeições.
- Programar pausas e outras recompensas para atitudes adequadas, como se comportar bem e permanecer atento à aula. “O importante é que essas recompensas não sejam distantes, ocorram em curto prazo (CARTILHA da INCLUSÃO ESCOLAR, 2014 p. 24 e 25).

A cartilha da inclusão em sua recomendação número 72 sobre o autoconceito e vida emocional afirma:

- O professor não deve enfatizar os fracassos do aluno com TDAH ou comparar seu desempenho ao de seus colegas.
- Promover encorajamento verbal e motivação (“você consegue fazer isto!”).
- O aluno deve ter uma pessoa de referência na escola para lhe oferecer apoio e acolhida em momentos críticos relacionados aos seus comportamentos e emoções.
- O aluno deve receber elogios e oportunidades para desenvolver seus talentos e habilidades especiais.
- O aluno deve ter a oportunidade de se mover mais frequentemente que os demais alunos da classe.
- Os pais devem ser frequentemente informados pelo professor a respeito dos comportamentos do aluno.
- O professor deve se reunir com o aluno toda semana, oferecendo a oportunidade dele verbalizar suas dificuldades, progressos, ansiedades, etc. (CARTILHA da INCLUSÃO ESCOLAR, 2014 p.25).

Como se vê, em face das dificuldades encontradas em dar o atendimento eficaz para crianças, os professores algumas vezes se mostram perdidos em relação às atitudes que devem ser tomadas e postas em prática, essa cartilha surge como uma alternativa aos métodos antigos e muitas vezes ultrapassados e pode ser utilizada em conjunto com as leis da LDB para dar sustento às ações tomadas para o ensino aprendizagem das crianças.

1.9.2 A hiperatividade e a família

As famílias das crianças TDAH geralmente percebem que seus filhos se comportam de modo diferente. A hiperatividade, a falta de atenção, a agressividade e o controle das emoções se tornam difíceis de serem ignorados e tolerados.

Pais de crianças portadoras de TDAH principalmente aquelas sem diagnóstico, podem apresentar um comportamento constante de atribuição da culpa pelo mau comportamento da criança um ao outro, o que muitas vezes acaba por culminar até mesmo na separação do casal. As famílias acabam desgastadas e cansadas das tentativas de corrigir o filho “teimoso”, “desobediente”, “atrevido”, “mimado” entre outros tantos adjetivos que são dados a essas crianças. Por essa

razão se faz necessário a busca pela informação, pelo diagnóstico e pela orientação de como lidar com essa situação.

No entanto, junto com a demonstração de conhecimento do fato muitas vezes aparece o discurso de que seus filhos são inteligentes, que quando lhes interessa prestam atenção, que aprendem só o que não é para aprender, que eles esquecem as matérias da escola, mas se lembram com detalhes das regras de um jogo.

Portanto, alguns pais acabam confusos em relação ao comportamento de seus filhos por entenderem que se tivessem mesmo o transtorno seriam menos inteligentes, menos competentes. Isso também acontece com professores que por vezes quando questionados sobre o motivo de terem encaminhado um aluno, dizem que ficaram em dúvida entre um transtorno e o perfil do aluno preguiçoso.

Daí a importância do diagnóstico médico sobre o TDAH, pois junto com o diagnóstico a família recebe orientação de como tratar esta criança.

Muszkat, Miranda e Rizzutti (2012), sugerem que a orientação familiar é essencial, no planejamento e tratamento da criança TDAH.

Segundo Matos 2001, apud Desidério, Miyazaki (2007) em seu artigo:

Pais ou cuidadores bem orientados facilitam o convívio familiar. Não apenas porque auxiliam na compreensão do comportamento do portador do TDAH, mas também porque incluem o ensino de técnicas para auxiliar no manejo dos sintomas e prevenção de problemas (MATOS, 2001s.p).

Sendo assim, a orientação da família é essencial, pois proporcionará um espaço para se pensar na criança enquanto indivíduo, com vontades, sentimentos e necessidades e que reage, ou é uma forma à reação de interação que é estabelecida com ela. Afinal, pais bem informados costumam contribuir muito para o tratamento e a minimização principalmente dos sintomas secundários ao transtorno.

1.9.3 A hiperatividade e os professores

A incapacidade de prestar atenção ou de ficar quieto leva os adultos que convivem com essas crianças a considerá-las malandras e, frequentemente, são

rotuladas de irresponsáveis, endiabradas, surdas, avoadas e pouco inteligentes. As crianças TDAH acabam, como já dissemos, recebendo inúmeros adjetivos pejorativos.

A criança com TDAH apresenta mau rendimento escolar por ter dificuldade em prestar atenção a detalhes, comete erros nas atividades escolares, não consegue acompanhar longas instruções nem permanecer atenta para concluir suas tarefas escolares (MUSZKAT, MIRANDA e RIZZUTTI 2012, p. 111).

Muitos professores entendem o comportamento de uma criança agitada e dispersa como falta de vontade para estudar fazer as lições, terminar uma prova etc.

Quando essas crianças ingressam na escola passam a conviver com pessoas que não conhecem o que já lhe causa estresse e agitação, logo os professores percebem que a criança é agitada além do normal, o “problema” começa quando a criança não copia as lições, não interage com o grupo, algumas vezes fica excluída outras vezes mexe com os colegas, se mostra agressiva e desinteressada. O professor passa a chamar a atenção da criança com frequência e então se instala o caos na sala de aula, os professores e gestores muitas vezes não sabem como lidar e passam a convocar os pais repetidas vezes a escola.

Segundo, Barkley (2008) apud Muszkat, Miranda e Rizzutti (2012, p 113),

O conhecimento e a postura dos professores para com o TDAH são cruciais (...) quando um professor tem pouca compreensão da natureza, do curso, dos resultados e das causas do transtorno, bem como percepções errôneas (...) qualquer tentativa (...) terá pouco impacto.

Nesse cenário, o insucesso escolar fica vinculado à compreensão que se tem do papel de escola. Se entendermos que o papel da escola é construir conhecimento com “todos” os alunos, certamente os profissionais da escola procurarão formas de promover a aprendizagem. A rigidez da escola pode gerar além do fracasso escolar e do sentimento de incapacidade, uma situação emocional desfavorável à aprendizagem, gerando baixa autoestima e desestimulando e dificultando ainda mais a aprendizagem dessa criança. Não é raro vemos nos espaços escolares crianças se autointitulando de “burras”. Não menos importante e talvez até determinante seja o papel da família, a rigidez ao não aceitar seus filhos

como eles são e entender que cada um tem suas dificuldades e pontos a serem superados.

Os pais e educadores então devem evitar os conflitos entre se sentirem impotentes e a vontade de ajudá-los e buscarem formas e conhecimento para promoverem efetivamente o sucesso dessas crianças. Porém, alguns ainda despreparados não percebem o esforço que essas crianças fazem para obter sucesso em suas tarefas e que se fazem algo com facilidade é porque estavam altamente estimulados para aquela experiência.

O problema não é apenas da criança, dos pais ou dos professores, é importante que os demais profissionais da escola também participem. “Implicar” o professor significa “implicar” a escola inteira (MUSZKAT, MIRANDA e RIZZUTTI,2012).

Assim, fica evidente a necessidade de se ter políticas públicas que possam dar auxílio e respaldo ao professor, diante das dificuldades apresentadas.

O papel da escola em relação ao comportamento dessas crianças deve ser o de informar os pais e solicitar a eles um diagnóstico clínico.

Os pais costumam dizer estar exaustos com a rotina estressante que seus filhos lhes impõem. E a partir daí vem à necessidade de se saber o que acontece procurando ajuda médica.

Após o diagnóstico a escola assume o papel pedagógico do processo, no entanto, orientada pelos profissionais que atendem a criança e traçam objetivos que atendam às demandas dos pais e professores, todos devem reunir-se sistematicamente para avaliar a evolução e reprogramar estratégias.

Crianças com diagnóstico de TDAH serão propensas a experimentar dificuldades de aprendizagem acadêmica e social em muitas situações de sala de aula, mas não em todas, e durante todos os anos de escolarização (TEETER, 1998, apudDUPAUL e STONER 2007, p. 127).

Portanto devemos estarsempreatentos, pois a hiperatividade está na moda. Todas as crianças agitadas acabam sendo chamadas de hiperativas, o que não é verdade. A falta de limites e da presença dos pais e de professores educadores e disciplinadores podem vir a confundir e a rotular crianças que

precisam apenas da presença de adultos comprometidos com sua formação e desenvolvimento.

CAPÍTULO II—METODOLOGIA

2.1 Métodos e procedimentos adotados para o desenvolvimento do trabalho.

A presente pesquisa, de cunho qualitativo, busca conhecer opiniões e informações traduzindo a interpretação da realidade por meio da utilização de procedimentos metodológicos, tais como: da entrevista semiestruturada. Dessa forma objetivamos perceber o processo de inclusão das crianças do primeiro segmento do ensino fundamental com TDAH no ambiente escolar.

Segundo Minayo (2010) apud Gaudêncio (2013), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilha com seus semelhantes.

Para a realização do presente estudo, usei como instrumentos de coleta de dados, observação e entrevistas semiestruturadas com o objetivo de buscar informações através da “fala” dos sujeitos a serem ouvidos.

2.2 Contexto da pesquisa

Descrição da escola

A escola foi criada pela Secretaria de Educação e Cultura, usando das atribuições legais que lhe foram conferidas pelo artigo 146 da Lei nº. 8.780, de 23 de janeiro de 1980, com base na Resolução nº. 122/91 e Parecer de nº. 454/98, do Conselho Estadual de Educação, exarado as fls.106 do Processo nº. 15260348/97, portaria nº. 1535/98.

A escola recebeu o nome de Santa Maria¹¹estava situada na Fazenda São Sebastião próximo ao Povoado de Araras onde funcionou por alguns anos e sendo desativada na área rural, foi reativada na área urbana no ano de 1989. Foi ampliada no ano de 2006. Está situada hoje a Rua do Contorno s/nº Parque da Rosas. Na época em que foi transferida para a área urbana havia apenas duas salas de aula, contava com dois banheiros, um masculino e um feminino, quando começou seu funcionamento tinham poucos alunos que cursavam jardim, primeira e segunda séries.

Hoje a escola possui seis salas de aula, uma secretaria, sala de informática que não está em uso, pois o espaço serve também como sala de professores, está em construção duas salas que poderão ajudar a desafogar um pouco os outros espaços, dois banheiros para os alunos e um para os servidores, tem uma cantina que foi reformada recentemente, almoxarifado, e também um espaço coberto para apresentações. A escola trabalha com as séries do 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano, todos divididos em dois turnos, matutino e vespertino, tem em seu quadro um total de 29 funcionários, merendeiras, faxineiras, porteiro, secretária, coordenadoras, professoras de apoio, professoras pedagogas, diretora e 244 alunos todos estes também divididos em dois turnos.

¹¹ Nome Fictício.

2.3 Participantes da Pesquisa

Participaram da pesquisa os professores das séries do 2º, 3º e 4º ano¹² e os gestores da escola. O local escolhido para a realização da pesquisa de campo foi a Escola Municipal João de Barro¹³.

Os professores foram entrevistados, pois são as pessoas que lidam com o processo de aprendizagem dos alunos que possuem laudo de TDAH. Os gestores também contribuíram com a pesquisa, pois são eles que devem fornecer o suporte necessário aos professores e alunos. Os professores participaram da entrevista semiestruturada cujo roteiro encontra-se no apêndice 1 dessa pesquisa. A entrevista foi realizada da seguinte forma: os professores participaram da entrevista semiestruturada que foi feita em grupo após o esclarecimento do objetivo geral da pesquisa, onde eles falaram das dificuldades e das gratificações de se trabalhar com alunos TDAH. Também foi feita entrevista com a gestora.

Além dos procedimentos citados acima, a observação também foi utilizada, pois para alcançar os objetivos da pesquisa é necessário que seja observado como acontece o processo de inclusão destas crianças e como se dá sua interação com o ambiente escolar.

A observação permite que o pesquisador fique diante dos fatos reais e da situação que deve ser investigada sem interferir na realidade dos fatos. Deverá ser observado como o acontece o atendimento aos alunos TDAH e como isto está previsto no Projeto Político Pedagógico da Escola; verificar como a comunidade escolar convive com o aluno portador de TDAH; Quais os materiais disponíveis para o auxílio da aprendizagem destas crianças.

A observação é uma técnica de coleta de dados utilizando-se sentidos para obtenção de determinados aspectos da realidade, não consistindo apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos (LAKATOS e MARCONI 1991, p.192).

Os alunos observados serão chamados pelos nomes fictícios de João, José, Joaquim e Pedro. Nas entrevistas, procuramos saber como se soube que o

¹²As professoras serão chamadas de professoras A, B e C ao longo da apresentação e análise dos dados.

¹³ Nome fictício para preservar a identidade da escola.

aluno é TDAH, quem solicitou o exame médico que foi feito o diagnóstico, qual é o tipo de TDAH de cada um desses alunos. Foram observados como esses alunos interagem com o grupo e como se dá sua aprendizagem, como a gestão escolar e a secretária de educação auxiliam as professoras em relação a essas crianças, se existe material pedagógico próprio para ajudar a aprendizagem das crianças, quais e que mudanças ocorreram na escola e no currículo para auxiliar na aprendizagem.

Capítulo III. Análise e Discussão dos Dados

Esta etapa consiste em discutir, analisar e interpretar os dados coletados, por meio das entrevistas e das observações. Trata-se, portanto da compreensão de forma mais aprofundada dos resultados obtidos na coleta de dados e na observação com o apoio dos autores estudados no Referencial Teórico.

No decorrer das análises apresentarei a pesquisa documental, objetivarei os aspectos considerados importantes da pesquisa à luz de conhecimentos científicos.

Durante as observações foram analisados o Regimento Escolar da Rede Municipal de Ensino de 10 de dezembro de 2013, o Projeto Político Pedagógico (PPP), com o objetivo de compreender como está descrito no PPP e no Regimento da unidade escolar o atendimento aos alunos TDAH.

3.1 Análise de pesquisa de campo com observação

Através da pesquisa de campo foram utilizados a observação participante, pois partimos do princípio que o pesquisador deve ter contato direto com o fenômeno a ser estudado.

Por meio do instrumento elaborado (Apêndice 3), buscou-se conhecer a quantidade de alunos com laudo de TDAH existentes na escola além de outros aspectos relevantes a pesquisa. A entrevista semiestruturada serviu como meio de conhecer a realidade vivenciada pelos professores e gestores no seu cotidiano escolar.

3.2 O Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar da Rede Municipal de Ensino(10/12/2013).

É a diretriz orientada das ações educativas na escola, expressando as concepções de homem, sociedade, Educação, conhecimento, dentre outras que justifiquem e fundamentem as práticas da instituição.

A lei 9394/96, no seu artigo 12, inciso I, determina que os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do sistema de ensino, têm a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica com a participação docente(LEI 9394/96, art.13).

Segundo Vasconcellos(2002), a elaboração do Projeto Político Pedagógico deve contemplar a análise da realidade, a projeção de finalidades e a elaboração de formas de mediação (plano de ação). A sua realização interativa implica na ação de acordo com o plano elaborado, bem como na sua avaliação.

O P.P.P. da escola investigada fundamenta-se no que estabelece a Resolução CEE nº 07/2006 no Art 5º:

O estabelecimento de ensino ao receber o aluno com deficiência ou com transtornos globais de desenvolvimento ou com altas habilidades/superdotação deve realizar avaliação circunstanciada ou diagnóstico devidamente endossado por profissionais de áreas especializadas, circunstanciando os limites e potencialidades do mesmo no contexto escolar, para a identificação de suas necessidades educacionais especiais com o objetivo de buscar e propiciar apoio e recursos necessários à aprendizagem. (ESTADODE GOIÁS CONSELHO ESTADUALDE EDUCAÇÃO - Conselho Pleno - Resolução CEE n. 07, de 15 de dezembro de 2006).

O Projeto Político Pedagógico da unidade escolar afirma que sua ideologia política é a da inclusão onde as noções básicas de respeito e direitos ao ser humano, formam cidadãos mais éticos e capazes, minimizando a exclusão. Acreditando na humanização do futuro cidadão dentro de uma sociedade menos preconceituosa, mais aberta à diversidade.

Quadro1: metas previstas no Projeto Político Pedagógico da instituição escolar para Educação Inclusiva

- Desenvolver a integração entre aluno-professor-aluno-professor de apoio e toda comunidade escolar.
- Buscar amigos e parceiros para a unidade escolar para fins de realização de práticas esportivas, culturais e didáticas, que levem a interação entre os alunos.
- Considerar os vários estilos de aprendizagem e as inteligências múltiplas do alunado.
- Fazer trabalhos voltados para a interdisciplinaridade de áreas específicas com o processo de bimestralização e plena inclusão escolar visando a igualdade de oportunidade, priorizando:
 - Metodologia e avaliação diferenciada para alunos com NEE;
 - Adaptações curriculares de acordo com as necessidades dos educandos especiais;
 - Avaliação diagnóstica, cumulativa no dia-a-dia, estilos de aprendizagem/Inteligências múltiplas;
 - Busca de integração entre a escola e a comunidade através de projetos, festas, promoções, reuniões...
 - Projetos esportivos visando a integração e a socialização das crianças;
 - Promoção de aulas mais prazerosas e atraentes.

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola Pesquisada. Elaboração: da autora, 2015.

Sobre a prática docente diante da diversidade o documento diz que, a partir da reformulação do sistema de ensino como um todo surge consequentemente a construção de uma nova prática pedagógica, do resgate da competência do professor em vencer os desafios e conquista da cidadania por todos através da escolarização e socialização.

Segundo a LDB em seu art. 58 o aluno portador de TDAH possui os seguintes direitos:

- Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica para atender às suas necessidades.

A lei exige que haja uma adaptação na escola como um todo. Com o objetivo de tornar a inclusão real, ela propõe que os currículos atendam às necessidades especiais, pois não adiantaria o agrupamento das crianças com deficiência na escola regular se não atendesse às suas verdadeiras necessidades.

No entanto diante das especificações apontadas na LDB e no PPP da unidade escolar percebe-se ainda uma enorme carência em relação ao cumprimento das leis e metas previstas nestes documentos. Vê-se então a necessidade de que os professores em conjunto com a equipe gestora elabore um projeto integrado voltado para as necessidades específicas de cada criança com necessidades especiais e que este vise o alcance da autonomia e da identidade da criança e a sua aquisição de competências nos setores motor, perceptivo, linguístico e intelectual. Isso só ocorrerá se houver uma organização prévia de metodologias específicas e estratégias que permitam a individualização dos percursos educativos.

A programação destes percursos individuais, com tempos e modos diferenciados, é uma condição indispensável para garantir à criança com necessidades especiais a possibilidade de ser reconhecida e de se sentir reconhecida como membro ativo da comunidade escolar, assim podendo se ver como protagonista do seu processo pessoal de crescimento.

A criança com TDAH acaba sendo portadora de problemas complexos de natureza individual e social por isso para assegurar o atendimento educacional especializado, os estabelecimentos devem prever e prover: apoio docente especializado, conforme estabelecido no Projeto Político Pedagógico e no Regimento Escolar obedecida a legislação pertinente.

A redução do número de alunos por turma, também seria uma boa opção para a instituição mantenedora, quando estiverem nelas incluídos alunos com necessidades educacionais especiais significativas ou que necessitem de apoio e serviços intensos e contínuos isso viabilizaria uma participação mais eficaz dos docentes das turmas.

Atendimento educacional especializado complementar e suplementar; Flexibilização e adequação curricular, em consonância com a proposta pedagógica da escola (RESOLUÇÃO CEE N. 07, DE 15 DE DEZEMBRO DE 2006).

Através da observação do P.P.P. da escola, percebe-se que o mesmo traz objetivos e metas passíveis de serem executados. Mas que, no entanto não estão sendo executados, deixando uma carência e defasagem enorme na aprendizagem dessas crianças. Para que o sucesso seja objetivado seria necessário que houvesse um trabalho em equipe e que cada profissional trabalhasse valorizando ao máximo as competências específicas e, ao mesmo tempo, que as traduzisse nas diferentes direções, fazendo confluir para um projeto comum.

3.3 Regimento Escolar

É o instrumento formal e legal que regula a organização e o funcionamento da instituição quanto aos aspectos pedagógicos, com base na legislação do ensino em vigor.

O regimento escolar da escola investigada aponta em seus artigos 124 e 125 p.53:

- Entende-se por educação especial a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com necessidades educacionais especiais. Em seus incisos 1º e 2:
- * Haverá quando for necessário serviço de apoio especializado na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial;
- * A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado tem início na Educação Infantil.
- Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:
- Professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

Diante dos artigos citados, a unidade escolar está em consonância com o que determina a norma, pois a mesma recebe os alunos em salas regulares, tem

professores capacitados com especializações adequadas para trabalhar com os alunos TDAH.

Se comparado a LDB, o P.P.P. da escola e o regimento, percebemos que os mesmos possuem em suas leis, objetivos e metas, uma grande diversidade de formas para receber esses alunos de forma adequada para que se promova a inclusão de maneira a abarcar as necessidades específicas de cada aluno especial.

No entanto, existem graves problemas que foram detectados a partir das observações. A instituição não possui material didático específico para trabalhar com as necessidades de aprendizagem dos alunos, apesar de estar aberta a receber alunos com necessidades educacionais especiais, nota-se que os mesmos são “incluídos” em turmas regulares como os outros alunos ditos “normais”. Sem o atendimento necessário para o desenvolvimento de suas habilidades, durante as observações, foi possível verificar que apesar das instruções do Regimento Escolar e das metas e objetivos do Projeto Político Pedagógico, a escola não pode ser considerada inclusiva por não conseguir efetivar a real integração das crianças com TDAH no grupo escolar.

Daí vê-se a necessidade da implementação de uma prática pedagógica voltada para as necessidades específicas dos alunos em diferentes contextos, com a implementação de estratégias pedagógicas que possam beneficiar a todos os alunos.

Infelizmente essa é a realidade da grande maioria das escolas no Brasil onde as leis são muito bonitas e bem vistas no papel, mas que de fato não se consegue promovê-las em sua totalidade devido à falta de recursos e de investimentos que são necessários para a manutenção do desenvolvimento das crianças como um todo sem exceção independente de serem portadoras de necessidades especiais ou não.

3.4 Análises das entrevistas com os professores e gestores que atuam nas salas regulares com alunos TDAH

Todos os procedimentos utilizados na pesquisa visaram à ética das pesquisas em educação, para isso foi definido que os nomes dos participantes

fossem preservados, bem como das instituições pesquisadas. Foram usados então nomes fictícios e para a identificação. Os participantes serão chamados de: Professoras “A”, “B” e “C”, os alunos João, José, Joaquim e Pedro.

3.4.1 Entrevista semiestruturada com os professores

No quadro a seguir são apresentadas as professoras que participaram da pesquisa:

Quadro 2- Características dos educadores e gestores entrevistados.

Nome	Gênero	Nível de Escolaridade	Função atual	Tempo de Formação
Professora A	Feminino	Pedagoga, pós graduada em Psicopedagogia	Professora	15 anos
Professora B	Feminino	Pedagoga e pós graduada em Educação Infantil.	Professora	13 anos
Professora C	Feminino	Pedagoga, pós graduada em Neuropedagogia	Professora	12 anos
Professora	Feminino	Pedagoga e pós graduada em Educação Infantil.	Coordenadora	13 anos

Elaboração: da autora, 2015

Quadro 3 - Características dos alunos observados.

Nome	Série	Tipo de TDAH
João	4º	Combinado
José	4º	Predominantemente hiperativo/impulsivo
Joaquim	2º	Predominantemente desatento

Pedro	5º	Predominantemente desatento
-------	----	-----------------------------

Elaboração: da autora, 2015.

A LDB em seu Art. 59, afirma em seu inciso II que os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: “II - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;” (REDAÇÃO DADA PELA LEI Nº 12.796, DE 2013).

Apesar das inúmeras leis, metas e objetivos que amparam os alunos com necessidades especiais, as escolas ainda se encontram perdidas, sem rumo para efetivar as mudanças necessárias, quando se conversa com os profissionais da educação fica claro sua vontade de mudar este quadro, no entanto sabemos que sem o conhecimento necessário e a implementação de políticas públicas que busquem o verdadeiro sentido da inclusão tudo isso continua como uma utopia.

Durante a entrevista semiestruturada, esse grande problema em colocar em prática o processo de inclusão das crianças TDAH fica claro.

Segundo relato das professoras, elas não possuem conhecimento das políticas de inclusão da escola, e não existem projetos sendo desenvolvidos nesta área.

Apesar das dificuldades encontradas e da falta de preparo para lidar com essas crianças, as professoras dizem sobre suas relações com seus alunos especiais:

Professora “A” relata que a relação com seus alunos TDAH costumam ser bastante instáveis ela afirma nunca saber como eles se portarão durante a aula e isso lhe causa certo desconforto.

Professora “B”: Diz que: Seu aluno faz uso de medicamentos e que por isso em muitos dias se mostra apático já em outros muito irritado e inquieto, mas que o convívio diário entre os dois é harmonioso, apesar dela não saber bem como lidar com o tipo de transtorno que ele apresenta.

Professora “C”: A professora afirma que seu aluno é muito amoroso e dedicado e que possui o tipo desatento de TDAH, por isso a relação e a integração deles é satisfatória.

Os problemas comportamentais destes alunos na escola acabam provocando a criação de rótulos, posturas de esquivas dos colegas e professores e, por fim, a exclusão. Cerca de 40% das crianças e adolescentes com TDAH trocaram ou são expulsos de suas escolas e um contingente ainda maior sofrerá consequências do isolamento e marginalização social. Neste sentido, é fundamental o suporte escolar para o aluno com TDAH (ARRUDA, p.82).

Nos casos apresentados é possível perceber a dificuldade dos professores em trabalharem as especificidades desses alunos sem a ajuda efetiva de todos os membros da comunidade escolar.

Durante nossa conversa as professoras em consenso disseram que a escola possui pouco ou quase nenhum material de apoio (somente um computador doado pelo MEC, mas que não está em uso) e que elas não sabem como trabalhar com o material disponível, por isso quando tem algum material não costumam fazer uso dos mesmos.

Segundo Barkley apud Tuleski (2010), o transtorno de déficit de Atenção e Hiperatividade, ou TDAH, é um transtorno de desenvolvimento do autocontrole que consiste em problemas com os períodos de atenção, com o controle do impulso e com o nível de atividade. Esses problemas são refletidos em prejuízos na vontade da criança ou em sua capacidade de controlar seu próprio comportamento relativo a passagem do tempo – em ter em mente futuros objetivos e consequências.

Do ponto de vista do autor, é necessário que os professores procurem elaborar estratégias para manter a atenção das crianças TDAH, visando assim viabilizar a aprendizagem das crianças, evitando os transtornos gerados pela falta de controle dessas crianças.

Na entrevista as professoras disseram não existir nenhuma especificidade no trabalho pedagógico com os alunos TDAH e que não há adequações curriculares para o atendimento dos mesmos.

Decisões sobre o que se trabalhar e as adaptações do currículo pedagógico são necessárias e importantes para todos os estudantes, principalmente para aqueles identificados com TDAH, por definir comprovadamente o domínio da educação que se quer transmitir as crianças.

Segundo os relatos: as atividades desenvolvidas com os alunos TDAH é a mesma desenvolvida com o restante da turma. E as formas de avaliação de desempenho são as indicadas pelo P.P.P. da unidade escolar: “no que se refere à avaliação serão considerados vários estilos de aprendizagem e as inteligências múltiplas. Esses alunos são avaliados através de relatórios que depois são analisados e convertidos em notas”(Projeto Político Pedagógico).

As três professoras disseram que a maior dificuldade encontrada no atendimento aos alunos é sem dúvida a falta de conhecimento do professor em relação ao transtorno, ao comportamento e em como trabalhar com eles para que a aprendizagem aconteça realmente. As professoras disseram ainda não haver instruções quanto aos processos de ensino aprendizagem das crianças TDAH.

As queixas dos professores são angustiantes. Há uma descrição caótica de comportamento e inabilidade em aprender, sem muitas vezes considerar que o aluno com TDAH sofre muito, inclusive a rejeição do próprio educador e dos colegas (MARCOLIN e MOUSSA 2012, ARTIGO, s.p).

Professora “A”: Disse: “José é muito desinteressado das atividades, o tempo todo tenho que chamar a atenção dele para que ele copie alguma coisa ainda assim sempre fica para trás nas atividades, às vezes é grosseiro e realmente não faz o que é solicitado; João apresenta bom comportamento é lento para copiar, mas consegue efetuar suas atividades com sucesso”.

Professora “B”: “Joaquim é um menino muito quieto por causa dos medicamentos que toma, por isso tenta fazer toda a atividade, mas não transcreve bem do quadro para o caderno, apesar de ser alfabetizado ele parece não ter a percepção sobre o que está escrito e por isso copia somente três ou quatro linhas de cada parte do quadro”.

Professora “C”: “Apesar de desatento Pedro faz todas as atividades, claro leva mais tempo que alguns colegas, mas nada que possa interferir em sua

aprendizagem. Quando vejo que ele não está copiando ou prestando atenção vou até ele e converso”.

Os professores das salas regulares trabalham com uma média de 22 alunos, cada um com seus problemas e especificidades diferentes o que já acaba gerando uma sobrecarga sobre esses educadores, que acabam por se acostumar com as dificuldades dos alunos e praticamente se esquecer dos alunos TDAH em suas salas. A falta de professores de apoio também é uma das queixas relatadas pelas professoras que dizem não poder deixar todos os outros alunos para se dedicar somente a um.

Uma das queixas mais frequentes verbalizadas pelos pais de crianças com TDAH é que os professores de seus filhos não parecem ter qualquer treinamento para trabalhar com esses alunos. Muitos professores, particularmente aqueles de salas de aula de educação geral, reconhecem prontamente suas limitações para trabalhar com esses estudantes. (DUPAUL e STONER, 2007, p. 249).

Segundo os relatos a SME (Secretária Municipal de Educação) não faz instruções efetivas sobre a inclusão dos alunos especiais.

O atendimento as necessidades dos estudantes com TDAH apresenta desafios significativos para todos aqueles envolvidos com a educação. (DuPaul e Stoner,p.242).

Portanto, vê se a necessidade de que as Secretarias de educação tenham um posicionamento relevante diante das necessidades encontradas pelos professores para que esses alunos possam receber o atendimento educacional de forma a lhes preparar para a vida.

A inclusão dos alunos na escola aconteceu de forma tranquila, pois os mesmos já estavam adaptados ao ambiente escolar, porém cada um com suas necessidades específicas.

As intervenções escolares devem ter como foco o desempenho escolar. Nesse sentido, idealmente, as professoras deveriam ser orientadas para a necessidade de uma sala de aula bem estruturada, com poucos alunos. Rotinas diárias consistentes e ambiente escolar previsível ajudam essas crianças a manterem o controle emocional.

[...]

Muitas vezes, as crianças com TDAH precisam de reforço de conteúdo em determinadas disciplinas. Isso acontece porque elas já apresentam lacunas no aprendizado no momento do diagnóstico, em função do TDAH. Outras vezes, é necessário um acompanhamento psicopedagógico centrado na forma do aprendizado, como, por exemplo, nos aspectos ligados à organização e ao planejamento do tempo e de atividades. (RODHE et al, 2000 apud MARCOLIN; MOUSSA, 2012, Artigo).

Fala das professoras:

Professora “A” relata que: Não teve problemas com a entrada desses alunos, mas acredita que a falta de preparo em lidar com eles pode ser prejudicial para o desenvolvimento dos mesmos, ela tem em sua sala 24 alunos e que não dispõe de tempo para estar ajudando nas dificuldades somente dos alunos especiais. “Tenho 24 alunos, muitos com problemas de aprendizagem e de comportamento então não tenho como dar a atenção necessária ao José e ao João, sei que eles necessitam mais que os outros, mas infelizmente o tempo não permite essa atenção especial. ”

Professora “B”: “O Joaquim é um menino muito dócil e fácil de lidar porém os medicamentos que ele toma atrapalha sua concentração, não tive problemas com sua inclusão em minha sala ele sempre estudou e faz tratamento desde bebê por isso acredito não haver problemas com ele.”

Professora “C”: “Quando recebi o Pedro acreditei que teria problemas com ele justamente pela falta de informação do seu problema, mas com sua chegada percebi que o menino era rotulado negativamente por ser desatento e que nada do que havia ouvido falar era verdade, ele é uma criança muito especial, carinhoso e claro tem um problema que é tratado, além de ter pais muito interessados em ajudar em sua aprendizagem.”

Muszkat, Miranda e Rizzutti (2012), sugerem algumas orientações aos professores:

- Manter contato com os pais regularmente;
- Monitorar as tarefas, marcando o tempo, ajuda a crianças a se programar;
- Orientar o aluno previamente sobre o que é esperado dele;
- Usar recursos especiais, como gravador, slides, pois essas crianças aprendem melhor visualmente;

- Tentar entender as necessidades e as dificuldades temperamentais e educacionais da criança;
- Ser tolerante para que o aluno possa sentir-se aceito;
- Ser flexível para lançar mão de uma série de recursos e estratégias;
- Incentivar e recompensar;
- Estimular o interesse dos alunos;
- Estabelecer uma rotina escolar previsível;
- Alternar atividades de alto e baixo interesse;
- Permitir movimentos em sala de aula;
- Fornecer instruções diretas, orientações curtas e claras;
- Envolver-se mais com o aluno para despertar nele a motivação e o interesse;
- Estabelecer limites e fronteiras, devagar e com clama, não de modo punitivo. Ser firme e direto;
- Não enfatizar o fracasso;
- Incentivar a leitura em voz alta deve-se repetir, repetir e repetir;
- Estar atento ao talento da criança, à criatividade, à alegria, à espontaneidade e ao bom humor que ela manifesta.

Frequentemente acontece da criança com déficit de atenção ou TDAH ser percebida pelos colegas como elemento ativo, que desestabiliza, perturba e por isso, seja rejeitada, de forma mais ou menos consciente. Nessa difícil relação entre “os normais” e os “diferentes”, fica possível perceber então, o principal fator responsável pelo frequente sentido de desvalorização vivido pelas crianças com TDAH, já que elas já se vêem em termo negativos, pois é assim que ela percebe que é essa a imagem que os outros têm delas.

Daí a necessidade de os professores aprenderem a lidar com o que é novo buscar formas e estratégias próprias para se trabalhar com as crianças TDAH, as orientações sugeridas por Muszkat, Miranda e Rizzutti (2012), pode ser de grande valia para os professores que sem dúvida são as pessoas que possuem o papel fundamental no processo de ensino aprendizagem das crianças portadoras de transtornos e distúrbios ou não.

3.4.2 Entrevista com gestor

A gestora entrevistada tem formação em Pedagogia com especialização em Educação Infantil, é docente há 13 anos sendo que os últimos 3 anos como coordenadora.

A gestora disse que a hoje possui 4 alunos com laudo em TDAH, sendo que 1 aluno estuda no período matutino e os outros 3 no período vespertino.

Fala da gestora: “A educação inclusiva na escola se fundamenta nas Diretrizes Nacionais Para a Educação Especial na Educação Básica. Infelizmente a escola não consegue colocar em prática tudo o que é recomendado, mas na medida do possível tenta dar assistência tanto ao aluno especial quanto ao professor.”

“Em geral, diversos indivíduos estão envolvidos no tratamento de uma criança diagnosticada com TDAH.” (DUPAUL, STONER2007, p. 244).

É necessário, portanto que as escolas dêem o suporte necessário aos professores que trabalham com essas crianças , que façam um projeto voltado de maneira específica as crianças com necessidades especiais.

Hoje nossa escola não possui professor de apoio ou de recursos, o que deixa muito a desejar em relação ao ensino-aprendizagem dos nossos alunos especiais e gera uma sobrecarga nos professores das salas regulares que se vêem perdidos em relação aos alunos TDAH, sabemos das dificuldades dos professores em lidar com eles, mas no momento não se tem muito a fazer.

Os desafios são constantes e diários, pois manter em salas regulares os alunos TDAH sem o professor de apoio acaba gerando um desconforto tanto aos professores quanto a nós gestores que de várias formas tentamos ajudar aos professores, mas muitas vezes deixamos a desejar por também não estarmos preparados para lidar com algumas situações.

As professoras das salas regulares são pedagogas com especialização, e não recebem instruções sobre como lidar com essas crianças já as formas de avaliação são baseadas no P.P.P. da escola e no regimento interno.

Segundo a gestora entrevistada, a escola não está trabalhando políticas de inclusão.

Muszkat, Miranda e Rizzuti (2012) afirmam que são necessárias políticas públicas que auxiliem ao professor, pois a contribuição do professor é de grande importância tanto na identificação dos sintomas do TDAH para um diagnóstico precoce, como no manejo das dificuldades enfrentadas pela criança na sala de aula.

Sem dúvida sabemos quão fundamental é o professor diante de diversas situações dentro da sala de aula, por isso as políticas de educação especial são necessárias para que os professores tenham uma diretriz para seu trabalho com as crianças especiais.

Infelizmente no momento não há projetos em andamento, referente aos alunos com necessidades especiais apesar de sabermos da necessidade dos mesmos, não estamos desenvolvendo nenhum projeto nesta área.

Além dos professores, é importante que os demais profissionais da escola também participem do planejamento para a criança com TDAH. “Implicar” o professor significa “implicar” a escola inteira. (MUSZKAT, MIRANDA, RIZZUTTI, 2012, p. 113).

O rendimento da maior parte dos alunos com laudo de TDAH não é satisfatório justamente por não desenvolvermos projetos nesta área específica. Talvez devamos ver com mais atenção se a inclusão dessas crianças está sendo realizada da forma que deve ser.

Ao final da entrevista a gestora disse: “Que durante nossa conversa ela ficou bastante reflexiva sobre como a escola vem tratando essas crianças e os professores que trabalham com elas, como algumas coisas passam despercebidas na correria cotidiana e que realmente se sente sensibilizada com o que vem acontecendo na escola, disse que fará o possível para que de agora em diante possa ao menos tentar atender essas crianças e seus professores de forma mais efetiva.

3.4.3 - Entrevista semiestruturada com a SME (Secretária Municipal de Educação)

A SME, instrui os professores a agirem dentro do que diz o Regimento Escolar, o Projeto Político Pedagógico bem como as outras leis que amparam as crianças com necessidades educacionais especiais.

A entrevistada diz que: - A inclusão desses alunos deve ser feita de forma que garanta ao aluno seus direitos e oportunidades iguais de participação nas atividades desenvolvidas na escola.

Segundo a entrevistada a SME está totalmente aberta aos professores, gestores, alunos e pais para conversarem e desenvolverem as modificações necessárias para dar respostas às necessidades educacionais de cada aluno.

A SME pretende assistir e capacitar os profissionais da educação para melhorarem as suas capacidades de ensino, através de cursos e palestras fortalecendo assim as instituições escolares.

No entanto durante as observações e entrevistas as afirmações feitas pelas entrevistadas não ficaram claras, pois as professoras falam muito da falta de assistência.

Considerações Finais

Diante das transformações que estão ocorrendo na educação, podemos perceber que gestores e professores vêm tentando buscar formas de promover a inclusão dos alunos especiais, porém existem muitos desafios ainda para serem vencidos. No momento em que se buscou conhecer a realidade da educação inclusiva na escola investigada, constatou-se que apesar de saberem das necessidades dos alunos a escola não consegue efetivar os objetivos da educação inclusiva.

Os profissionais da educação vêm enfrentando muitos desafios na tentativa de desempenharem com qualidade suas práticas pedagógicas e quando se fala em educação inclusiva fica ainda mais difícil, pela falta de políticas públicas e de investimentos, de integração entre os órgãos responsáveis pela educação, de recursos que viabilizem o trabalho docente. Tudo isso vem prejudicando a realização efetiva da inclusão das crianças portadoras de TDAH. As professoras tentam desenvolver seu trabalho da melhor forma possível, porém percebem não ser suficiente as condições e o tempo para se trabalhar as especificidades dos alunos da inclusão.

Durante a pesquisa, em conversa com a coordenadora pedagógica do município, notou-se que a Secretaria Municipal de Educação ainda não possui uma política de inclusão desses alunos com necessidades educacionais especiais. Apenas recomenda aos professores seguirem o regimento da unidade escolar e as ações do projeto político pedagógico, dessa forma a mesma não consegue implantar de forma específica a inclusão das crianças com TDAH.

Em vista dos argumentos apresentados percebe-se que a falta de uma política de educação inclusiva acaba por comprometer o ensino aprendizagem das crianças da inclusão.

É necessário que se tenha consciência que essas crianças possuem os mesmos direitos que as outras, ou seja, que também devem ter uma educação compreendida como capaz de garantir a satisfação das necessidades básicas e

essenciais ao seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Não adianta colocar crianças com necessidades educacionais especiais nas escolas regulares, se os professores não sabem como trabalhar com elas se não dispõem de materiais, equipamentos e profissionais indispensáveis a uma educação de qualidade. Isso nunca vai ser inclusão.

Os profissionais da educação precisam se atualizar, principalmente aqueles que trabalham com a inclusão. No entanto a maioria alega não ter tempo para se atualizar ou não ter dinheiro para fazer cursos específicos, por este motivo ele acaba se desqualificando dentro do processo de trabalho e sua formação tende a se deteriorar por falta de atualização e de aperfeiçoamento pedagógico.

O objetivo geral deste estudo foi investigar o processo de inclusão das crianças do primeiro segmento do ensino fundamental com TDAH no ambiente escolar. Pode-se perceber no decorrer da pesquisa que a falta de parceria entre os órgãos governamentais, a falta de preparo dos professores, turmas numerosas nas escolas públicas e a necessidade de um currículo que não atende aos alunos com TDAH, acaba por gerar um processo de exclusão pela fragilidade de um sistema que acaba atendendo poucos ao detrimento de muitos, ou seja, a escola que deveria promover a inclusão dessas crianças acaba por fazer o caminho contrário: o da exclusão.

No momento em que esse aluno passa a ser excluído das práticas escolares seu interesse e seus desempenhos poderão cair, reduzindo sua motivação, autoestima, em muitos casos, até mesmo abandonando a escola.

Pode-se concluir que professores, pais de alunos com TDAH, a direção da escola e a Secretaria de Educação devem se unir para melhorar o acompanhamento do aluno e criar estratégias de ensino-aprendizagem. Pressupomos que no momento em que ocorre esta união, fica mais fácil prover o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com TDAH, entendendo suas necessidades, dificuldades e até mesmo suas vitórias. Dessa forma, a inclusão do aluno com TDAH se efetivará.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J.N; NAPOLE, N. **TDAH na escola**: conhecimento e atuação do professor de Educação Física. Artigo: 2008.

ARRUDA, Marco A. **Levados da Breca Um guia sobre crianças e adolescentes com o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)**. Livro PDF, Acesso em :08/11/2015.

BARKLEY, R. A. **Transtorno do déficit de atenção/hiperatividade – TDAH**: guia completo para pais, professores e profissionais da saúde. Porto Alegre: Artmed, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n139/v40n139a07.pdf>. Acesso em: 02 out. 2015.

BRASIL. LEI de Diretrizes e Bases da Educação, LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 LEI Nº 9394/96. Disponível em: portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf. Acesso em: 12 out. 2015.

CALIMAN, Luciana Vieira. Universidade Federal do Espírito Santo Artigo: **Notas sobre a história oficial do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade TDAH**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000100005. Acesso em: 15/10/2015.

Comunidade Aprender Criança. **Cartilha da Inclusão Escolar: inclusão baseada em evidências científicas**. (Ed. Instituto Glia, 2014). DSM IV, Psicologia Disponível em: http://www.psiquiatriageral.com.br/dsm4/sub_index.htm
<http://www.aprendercrianca.com.br/congresso-aprender-crianca/206-congresso-aprender-crianca-2012/342-congresso-aprender-crianca2012>. Acesso em 01 dez. 2015.

DESIDÉRIO, Rosimeire C. S., MIYAZAKI Maria Cristina de O. S. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100018 Acesso em: 02 nov. 2011

DUPAUL, George J.; Stoner, Gary **TDAH nas escolas**/George j. DuPaul e Gary Stoner. 2007-São Paulo- M. Books do Brasil Editora Ltda.

FREITAS, Cláudia Rodrigues de. **Corpos que não param: criança ,”TDAH” e escola.** Disponível em:http://www.psiquiatriageral.com.br/dsm4/sub_index.htm. Acesso em:28/09/2015.

FERREIRA, NauraSyriaCarapeto. **Gestão Educacional e organização do trabalho pedagógico.** Curitiba IESDE,2006.

GAUDÊNCIO, Sale Mário. Resenha MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de A. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1991.

LIBANIO, J.B. **A Arte de formar-se.** São Paulo: Loyola,2001.

LOPES, Patrícia. "**Transtorno do Déficit de Atenção** "; Brasil Escola. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/psicologia/transtorno-deficit-atencao.htm>>. Acesso em: 20 set. 2015

MARCOLIN, Adriana Aparecida de Almeida, MOUSSA, Ibrahim Georges Cecyn. **TDAH: IDENTIFICAÇÃO, CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E INTERVENÇÕES.** Disponível em: <http://edespecialneuropsicopedagogia.blogspot.com.br/2012/03/tdah-identificacao-causas-consequencias.html>. Acesso em: 22 nov. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MUSZKAT, Mauro. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade**São Paulo: Cortez, 2012.

PINTO,Elaine da Fonseca.**Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) no Ambiente Escolar.** Disponível em: <http://www.crda.com.br/tccdoc/40.pdf>. Acesso em: 10 out. 2015.

SILVA, Ana Beatriz B.**Mentes inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas** São Paulo : Editora Gente, 2003.

TIBA, Içami. **Quem ama educa**. 6. ed. São Paulo: Gente, 2002. 302 p. Disponível em <<https://psicologado.com/psicopatologia/transtornos-psiquicos/diagnostico-do-transtorno-do-deficit-de-atencao-tdah-em-criancas-da-1-serie-do-ensino-fundamental-da-rede-publica>> Acesso em: 27 set. 15.

TORRES, Marcela F. Damasceno. **Alunos com transtorno de déficit de atenção hiperatividade-tdah**. Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/alunos-com-transtorno-de-deficit-de-atencao-hiperatividade-tdah-4976576.html>. Acesso em: 10 out. 2010.

3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Plano de Atuação Profissional Futura

Os planos e sonhos fazem parte da vida, e nunca devemos perdê-los, apesar das dificuldades que encontramos pelo caminho.

O pensamento não se perde nunca no momentâneo. Em vez de dizer que só existe o presente, afirma-se o contrário. O presente não existe. Ele é passado condensado e é futuro anunciado. Vê-lo sempre assim é aprender a conhecer (LIBANÊO,2001,s.p.)

Houve uma época em que ser professor era ter uma profissão altamente valorizada, mas, com o passar do tempo essa profissão sofreu um enorme desgaste, no entanto é necessário que essa profissão volte ao seu merecido patamar, mas para isso é necessário que os profissionais da educação envolvam-se nela de forma a recuperar o valor e a estima que merece.

Quando refletimos sobre ser um bom professor inferimos em nossa prática pedagógica e percebemos que a diferença entre, ser ou não ser bom educador, deve começar em nossas concepções diante do ato de educar. Essa diferença começa no momento em que compreendemos que o objetivo de todo bom profissional é ser cada vez mais competente no que faz.

Apesar das dificuldades em ser professor no Brasil hoje, ainda tenho esperança de que as mudanças apontadas e metas previstas nos planos nacionais da educação se concretizem, que nossas crianças realmente tenham o conhecimento necessário para formação, que as escolas sejam efetivamente escolas e que não sirvam apenas de depósito de crianças como vemos hoje, que os professores sejam reconhecidos por seus esforços e suas lutas, pois sabemos não ser fácil a profissão e pior ainda é não sermos reconhecidos pela sociedade como seres fundamentais para a construção do conhecimento, enfim, são sonhos que espero ver realizados em breve.

Apesar dos percalços que envolvem a educação pretendo continuar me dedicando a ser uma boa professora que saiba lidar com meus alunos e fazer a diferença na vida deles para que isso se concretize pretendo me especializar em Psicopedagogia ou Educação Inclusiva, apesar de sonhar em fazer Pedagogia Hospitalar, mas que para mim é inviável por morar em um lugar onde minha formação não teria muita serventia por não haver internação de crianças por longos períodos.

APÊNDICES

Apêndice 1

Universidade de Brasília - UnB
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Pedagogia a Distância



Aluna: Lívia Cristina de Moraes Alves

Orientadora: Professora Dr^a Andréia Mello Lacé e Professor Msc. Gilberto Vieira Rios

Prezado (a) Coordenador (a).

Sou Lívia Cristina de Moraes Alves. Aluna do curso de Pedagogia da UAB/UnB e estou desenvolvendo uma pesquisa de final de curso cujo objetivo geral é: Investigar o processo de inclusão das crianças do primeiro segmento do ensino fundamental com TDAH no ambiente escolar.

Agradeço de antemão o aceite para participar desse momento importante da minha formação acadêmica.

Roteiro da entrevista semiestruturada com gestores da escola:

1. Formação, cargo e tempo de experiência nas atividades de gestão.
2. Qual a quantidade de alunos com TDAH matriculados na escola, e em que períodos estudam?
3. Quais diretrizes fundamentam a Educação Inclusiva na escola, elas são respeitadas e bem vistas?
4. Quantos são os profissionais envolvidos na Educação Inclusiva – incluindo professores de apoio, professores de recursos – aos alunos com TDAH, e qual a relação deles com os alunos?

5. Quais os maiores desafios e problemas enfrentados pela escola com esses alunos?
6. Qual a formação dos profissionais que trabalham com essas crianças, eles recebem instruções sobre como interagirem ou avaliarem os mesmos?
7. Como as políticas de educação especial na perspectiva da inclusão vem sendo articuladas pela escola, há efetividade?
8. Existe algum projeto e ou ação em andamento, se sim qual?
9. Qual o saldo (rendimento) no desempenho escolar das crianças com TDAH, para os profissionais e satisfatório?

Apêndice 2



Universidade de Brasília - UnB
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Pedagogia a Distância



Aluna: Lívia Cristina de Moraes Alves

Orientadora: Professora Dr^a Andréia Mello Lacé e Professor Msc. Gilberto Vieira Rios

Prezado (a) Professor(a),

Sou Lívia Cristina de Moraes Alves. Aluna do curso de Pedagogia da UAB/UnB e estou desenvolvendo uma pesquisa de final de curso cujo objetivo geral é: Investigar o processo de inclusão das crianças do primeiro segmento do ensino fundamental com TDAH no ambiente escolar.

Agradeço de antemão o aceite para participar desse momento importante da minha formação acadêmica

Roteiro Entrevista semiestruturada com os professores

1. Formação e tempo de experiência na docência.
2. Quantidade de alunos com laudo TDAH na sala, e qual sua relação com eles?
3. Como as políticas de inclusão vêm sendo discutidas pela equipe? Quais os projetos em andamento nessa área? Qual o nível de integração/relação professor e aluno?
4. Quais os materiais e recursos de apoio disponíveis na escola, são suficientes ou existe a falta ou eles não alcançam o esperado na hora de aplicar a matéria?
5. Como é o atendimento aos alunos com TDAH nas salas regulares? Eles possuem uma boa relação com os demais?

6. Quais as especificidades envolvidas no trabalho pedagógico com esses estudantes? Houve adequações curriculares, formações ou cursos para melhor lidar com estes alunos?
7. Como as atividades direcionadas aos alunos com TDAH são planejadas pelos professores? Elas buscam atingir metas específicas ou analisam o desempenho dos alunos no geral?
8. Quais as instruções da SME (Secretaria Municipal de Educação) quanto aos processos de ensino-aprendizagem das crianças com TDAH? Estes processos desempenhados causam mudança perceptível?
9. Quais as maiores dificuldades observadas no atendimento aos alunos com o Transtorno do Déficit de Atenção? Eles apresentam rejeição ou desinteresse em determinados aspectos?
10. Quais as instruções da SME (Secretaria Municipal de Educação) no que se refere à inclusão dos alunos nas salas regulares? Elas são efetivas?
11. Como ocorreu a inclusão do(s) aluno(s) TDAH, e como é a relação deles com os demais e com os gestores e professores que os rodeiam?

Apêndice 3



Universidade de Brasília - UnB
 Universidade Aberta do Brasil - UAB
 Faculdade de Educação – FE
 Curso de Pedagogia a Distância



Aluna: Lívia Cristina de Moraes Alves

Orientadora: Professora Dr^a Andréia Mello Lacé e Professor Msc. Gilberto Vieira Rios

ROTEIRO PARA A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

- 1 – Informações pessoais sobre a criança: nome, data de nascimento, turma, ano de escolaridade e turno, tipo de TDAH.
- 2 – Pequeno histórico da vida escolar do aluno, após um período de observação de seus professores e equipe da direção.
- 3 – Citar fatos significativos, no cotidiano escolar, que chamaram a atenção.
- 4 – Como está o processo ensino-aprendizagem do educando? Como age em sala de aula e nos demais espaços da escola? Qual é a sua frequência em sala de aula?
- 5 – Informações sobre a sua relação com a família.
- 6 – Quais as estratégias que a unidade escolar elegeu para o trabalho pedagógico, até o momento? Perceber como são feitas.
- 7- Verificar como a comunidade escolar convive com o aluno portador de TDAH.
- 8- Analisar como o Regimento Escolar da Rede Municipal de Ensino, o Projeto Político Pedagógico (PPP), o Regimento Geral da Secretária da Educação do Município propõem a inclusão dos alunos com TDAH nas salas regulares.

Foram analisados o Regimento Escolar da Rede Municipal de Ensino de 10 de dezembro de 2013, o Projeto Político Pedagógico (PPP), com o objetivo de perceber compreender como está descrito no PPP o atendimento aos alunos TDAH.

Apêndice 4



Universidade de Brasília - UnB
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Pedagogia a Distância



Aluna: Lívia Cristina de Moraes Alves

Orientadora: Professora Dr^a Andréia Mello Lacé e Professor Msc. Gilberto Vieira Rios

Prezado (a) Secretária de Educação do Município.

Sou Lívia Cristina de Moraes Alves. Aluna do curso de Pedagogia da UAB/UnB e estou desenvolvendo uma pesquisa de final de curso cujo objetivo geral é: Investigar o processo de inclusão das crianças do primeiro segmento do ensino fundamental com TDAH no ambiente escolar.

Agradeço de antemão o aceite para participar desse momento importante da minha formação acadêmica.

Roteiro de entrevista semiestruturada SME:

1-Quais as instruções da SME, quanto aos processos de ensino aprendizagem das crianças com TDAH?

2-E no que se refere à inclusão dos alunos nas salas regulares?

3-Qual o apoio institucional por parte da SME ao professor e ao aluno TDAH?

4- Como o atendimento aos alunos TDAH está previsto no Regimento Interno da SME?

ANEXOS

Anexo 1



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação - FE
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Disciplina: Projeto 5, Fase 2

Ilma. (a) Sr. (a).

Venho, por meio desta, apresentar a aluna Livia Cristina de Moraes Alves que cursa nesse semestre, a Disciplina Projeto 5, Fase 2, por mim ministrada. Essa disciplina integra o currículo do curso de Pedagogia a Distância, sendo ofertada pela Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília, onde exerço minhas funções docentes.

No componente curricular **do Projeto 5, fase**, os alunos “sistemizam conhecimentos culturais, científicos e técnico produzidos ao longo do curso e apresentam como resultado de pesquisa e investigação científica, o Trabalho de Conclusão de Curso”.

Dessa forma, a aluna supracitada necessita realizar pesquisa de campo no sistema de ensino local. Visando o cumprimento desse objetivo, solicito a V. Sr (a) gentileza de receber a aluna, portadora desse documento, apoiando-a no desenvolvimento de sua atividade acadêmica.

Na certeza de contar com a sua colaboração nessa importante atividade de formação docente, antecipadamente me despeço.

Cordialmente,

Professora Doutora Andréia Mello Lacé

Professora da disciplina Projeto 5, Fase 2 - UAB
Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

**Anexo2****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____,
sob onúmero do CPF _____, abaixo assinado,
concordo em participar da pesquisa para a Monografia Transtorno do Déficit de Atenção e
Hiperatividade (TDAH). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela
pesquisadora Livia Cristina de Moraes Alves sobre a trabalho e autorizo a utilização dos
resultados colhidos, por meio da entrevista semiestruturada e das observações, desde que
as informações sejam tratadas com ética e para os fins desta pesquisa.

Brasília, 03 de novembro de 2015.

Assinatura do participante